

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ISADORA BORSOI CADORE

**VOZES VELADAS:
EGLÊ MALHEIROS LÊ CRUZ E SOUSA**

**CHAPECÓ
2024**

ISADORA BORSOI CADORE

VOZES VELADAS

EGLÊ MALHEIROS LÊ CRUZ E SOUSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em História..

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Cadore, Isadora Borsoi
Vozes Veladas: Eglê Malheiros lê Cruz e Souza /
Isadora Borsoi Cadore. -- 2024.
83 f.:il.

Orientador: Dr Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2024.

1. Eglê Malheiros. 2. Cruz e Souza. 3. Literatura de
Santa Catarina. 4. História da mulher.. I. Machado,
Ricardo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC – 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
história.ch@uffs.edu.br, www.uffs.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos onze dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro, às nove horas e trinta minutos, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Chapecó, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): Professor(a) Orientador(a) Dr. Ricardo Machado; Professor(a) Avaliador(a) Dra. Renilda Vicenzi; Professor(a) Avaliador(a) Dr. Délcio Marchetti; Professor(a) Avaliador(a) Me. Cássio Barbieri. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **ISADORA CADORE** sob o título: *Vozes Veladas: Eglê Malheiros lê Cruz e Sousa* obteve nota **9,5** sendo considerado **aprovado**.

Chapecó - SC, 11 de julho 2024.

Dr. Ricardo Machado
Professor(a) Orientador(a)

Dra. Renilda Vicenzi
Professor(a) Avaliador(a)



Dr. Délcio Marquetti
Professor(a) Avaliador(a)



Me. Cássio Barbieri
Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família, que sempre me apoiou em tudo, especialmente no âmbito acadêmico. Obrigada, Cleide e Naudir, por sempre acreditarem em mim, respeitarem e incentivarem meus desejos. Gostaria que vocês tivessem tido as mesmas oportunidades. Agradeço também pela ajuda na realização deste trabalho, me acompanhando na viagem de pesquisa e mergulhando um pouco neste mundo comigo.

Não posso deixar de agradecer às mulheres incríveis Ana Cristina, Ana Rosa, Samanta e Rillary, queridas amigas que desde o início tornaram minha vida acadêmica mais leve. Obrigada por ajudarem a carregar minhas angústias e compartilhar tantos momentos bons. Vocês são um presente em minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Ricardo, por me guiar nesta pesquisa e confiar em mim, apresentando-me à Eglê. Obrigada, professora Renilda, por qualificar este trabalho em suas etapas iniciais, direcionando os caminhos.

Aos meninos do grupo de estudos, Gustavo, João e Gabriel, pelas ideias e livros trocados.

À Maria Carolina, minha psicóloga, que me ouviu falar inúmeras vezes sobre as doçuras e amarguras da minha primeira pesquisa. Sou grata por me ajudar a entender melhor a mim mesma.

Ao meu amigo de infância, que atualmente divide apartamento comigo, Bruno, obrigada por sempre estar junto comigo para tudo, inclusive por ter cedido várias vezes a grande máquina que é o seu computador para que eu pudesse finalizar a escrita deste trabalho.

Ao meu amigo pesquisador Luiz, que me incentivou a escrever e me auxiliou com as normas da ABNT.

À Adriane, diretora do filme *Eglê*, que eu sei que sente o mesmo que eu ao pesquisar Eglê, obrigada por disponibilizar o documentário e me atender com tanta atenção.

Agradeço também a Délcio, Cássio e novamente Renilda, pela composição e contribuições da banca avaliadora neste trabalho de conclusão de curso.

Por fim, e não menos importante, Ahri e Millie, minha dupla que colore os dias com doses extras de serotonina, especialmente nos dias mais exaustivos. Obrigada

por estarem sempre comigo, ao notebook e à escrivaninha, me obrigando a fazer pausas necessárias com seus pedidos de colo e carinho que tanto gostam.

“Estava encerrada a biografia de Cruz e Sousa e meu primeiro encontro com ele. Porém duas palavras se me fixaram na mente: — “poeta” e “negro”. Já andava a fazer meus versinhos (felizmente só para uso doméstico), lia em voz alta toda a produção poética que caísse nas mãos, de forma nebulosa senti-me sua companheira; por outro lado tinha sensibilidade bastante para perceber o quanto de desprezo cercava normalmente o conceito “negro”, e me espantei sabê-lo poeta e praça com estátua e tudo”.

RESUMO

Ao conhecermos o trabalho da intelectual Eglê Malheiros, é comum encontrar a figura de Cruz e Sousa em vários momentos. Mas por que Eglê Malheiros lia Cruz e Sousa? Este trabalho realiza uma análise histórica dos escritos de Eglê sobre o poeta, abrangendo sua literatura e críticas publicadas em jornais e revistas. É notável que o discurso de Eglê sobre Cruz quase sempre aponta o racismo como tema central."Além de ser escritora, Eglê também atuava como tradutora, professora e militante. Para entender suas aspirações em relação ao poeta, é fundamental explorar sua própria trajetória, o que nos ajuda a perceber como os escritores dialogam entre si e quais são seus desejos. Observamos que as obras e críticas de Eglê sobre Cruz e Sousa se entrelaçam especialmente em questões relacionadas à literatura local, racismo, cristianismo e sexismo. Os resultados desta análise apontam que ambos compartilhavam um compromisso com a justiça social e a luta contra a opressão. Não somente a poesia de Cruz e Sousa, mas sua própria trajetória de vida denuncia as desigualdades, inspirando Eglê em sua própria atuação como ativista e intelectual. Ambos acreditavam no poder da escrita para promover mudanças sociais e defender direitos. Essa pesquisa avança a nossa compreensão sobre ambos e também repensa a história da mulher com base na trajetória de Eglê Malheiros.

Palavras-chave: Cruz e Souza; Eglê Malheiros; História da mulher; Literatura de Santa Catarina; Racismo.

ABSTRACT

When exploring the work of the intellectual Eglê Malheiros, it is common to encounter the figure of Cruz e Sousa at various moments. But why did Eglê Malheiros read Cruz e Sousa? This work provides a historical analysis of Eglê's writings on the poet, encompassing her literature and critiques published in newspapers and magazines. It is noteworthy that Eglê's discourse on Cruz almost always highlights racism as a central theme. In addition to being a writer, Eglê also worked as a translator, teacher, and activist. To understand her aspirations regarding the poet, it is essential to explore her own trajectory, which helps us to perceive how writers engage in dialogue with one another and what their desires are. We observe that Eglê's works and critiques on Cruz e Sousa intertwine, particularly on issues related to local literature, racism, Christianity, and sexism. The results of this analysis indicate that both shared a commitment to social justice and the fight against oppression. Not only does Cruz e Sousa's poetry, but his very life story, denounce inequalities, inspiring Eglê in her own work as an activist and intellectual. Both believed in the power of writing to promote social change and defend rights. This research advances our understanding of both figures and also rethinks women's history based on the trajectory of Eglê Malheiros.

Keywords: Cruz e Sousa; Eglê Malheiros; Racism; Santa Catarina Literature; Women's History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Encenação da peça de Teatro da obra <i>Vozes Veladas – Pesquisa Teatro Novo</i>	15
Figura 2 – Anotação de Eglê.....	42
Figura 3 – Eglê em frente a um lago.....	44
Figura 4 – Grupo Sul em ensaio (1949).....	55
Figura 5 – Edição da revista que Eglê faz critica a Cruz e Sousa.....	59
Figura 6 – Campanha política da Eglê Malheiros.....	72
Figura 7 – Jornal assinado por Eglê.....	73

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLA

ACL	Academia Catarinense de Letras
IDCH	Instituto de Documentação e Investigação de Ciências Humanas
PCB	Partido Comunista do Brasil
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

	NOTAS PRÉ-TEXTUAIS.....	13
2	INTRODUÇÃO.....	14
3	PRIMEIROS PASSOS: A VOZ QUE ROMPE.....	21
3.1	QUEM ERAM REALMENTE OS NOVOS?.....	28
4	CONSIDERAÇÕES DA TRAJETÓRIA DE EGLÊ MALHEIROS.....	40
4.1	HERANÇA E TRANSGRESSÃO.....	45
4.2	DOS LIVROS PARA O MUNDO.....	51
4.3	A <i>SUL</i> E CRUZ E SOUZA.....	58
5	LIBERDADE EM MOVIMENTO: ENTRE LINHAS E ANSEIOS.....	64
5.1	SUBVERSÕES E RESISTÊNCIA.....	66
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	78
	Apêndice I – Fotografias de algumas das fontes utilizadas.....	81

NOTAS PRÉ-TEXTUAIS

É uma escolha que geralmente não é utilizada em pesquisas acadêmicas, mas, por algumas vezes, o trabalho se apresenta escrito na primeira pessoa do singular, não porque seja uma produção individual, muito pelo contrário. Quando mergulhei na pesquisa, encontrei muito de Eglê em mim (coisa que deixei evidente ao longo de meu trabalho), e não seria a enunciadora *eu* se escrevesse de uma forma distante.

2 INTRODUÇÃO

Veiculada no *Diário da Tarde* de Florianópolis em 15 de janeiro de 1959, a crônica intitulada *Cruz e Souza*, narra o primeiro contato que Eglê Malheiros, ainda em sua infância, teve com o poeta simbolista. Ao indagar sobre a identidade representada na estátua que avistara na praça por onde passava, obteve a resposta: "um poeta". A esse esclarecimento, somou-se o comentário: "já morreu, era negro". Tal contato, como veremos, não foi sem consequências para a trajetória intelectual de Eglê da Costa Ávila Malheiros.

João da Cruz e Sousa, importante escritor do movimento simbolista, nasceu na antiga cidade de Nossa Senhora do Desterro (atual cidade de Florianópolis). O escritor lutou pela abolição da escravização e enfrentou durante toda a sua vida a pobreza e a marginalização devido ao preconceito decorrente do racismo estrutural.

Por admiração pelo trabalho e história de vida do poeta, ao longo de sua trajetória, Eglê publicou diferentes textos sobre Cruz e Sousa, culminando em seu primeiro livro sobre ele, *Vozes Veladas*, uma biografia em formato de peça teatral, escrita na década de 1990 e publicada pela editora Movimento em 1995.

Na época, o jornal *A Notícia* anunciou a sua estreia comunicando que após um período de dois anos de dedicação, Eglê Malheiros finalizou a sua obra teatral intitulada *Vozes Veladas*. Esta peça foi levada aos palcos por um grupo de artistas gaúchos apoiados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, programada para estrear em nível nacional no dia 14 de setembro de 1995, no palco do Teatro do Centro Cultural Mário Quintana, em Porto Alegre.¹

Meses depois, o mesmo jornal trouxe uma nova matéria sobre o caso, anunciando que a montagem da peça *Vozes Veladas* não havia sido concretizada em Porto Alegre e seria realizada no ano seguinte, na cidade do Rio de Janeiro.² Desse modo, a produção acabou sendo montada no Rio de Janeiro, dirigida por Stepan Nercessian e contou com a participação dos atores Cosme dos Santos, Marcelino Buru, Irving São Paulo, Joel Bercellos, Clemente Viscaíno e Zezé Motta.

Ironicamente, a estreia não ocorreu em Florianópolis - cidade onde Eglê Malheiros e Cruz e Sousa viveram - porque o ator e produtor carioca Marcelino Buru não obteve o apoio da Fundação Catarinense de Cultura e nem da Prefeitura

1 Estreia. *A Notícia*. 02 de ago. de 1995. Variedades.

2 ASEFF. *Vozes Veladas* ganha palco e sai do prelo. *A Notícia*, 28 de nov. 1995.

Municipal, segundo a própria Eglê, por questões políticas.³ Eglê Malheiros expressou sua resignação diante dessas circunstâncias. No Rio de Janeiro, o espetáculo foi reconhecido como altamente relevante e recebeu o apoio da Secretaria Estadual da Cultura.

O espetáculo foi apresentado em Florianópolis somente no final de 1998, quando estava ocorrendo uma série de homenagens relacionadas ao centenário da morte de Cruz e Sousa. O jornal *Diário Catarinense*, em novembro desse mesmo ano, divulgou que na Academia Catarinense de Letras, atores do grupo Pesquisa Teatro Novo, da Universidade Federal de Santa Catarina, faziam leitura dramática de alguns poemas, entre os quais *Supremo Verbo* e *Visionário*.

Figura 1 – Encenação da peça de Teatro da obra *Vozes Veladas* – Pesquisa Teatro Novo



Fonte: Aseff (1995)

Esta peça foi dirigida por Carmen Fossari, a qual incluiu na apresentação trechos de *Litania dos Pobres*, que divide os poemas com Luciano Martins e com o chileno Cristian Otirrep. O registro da encenação está disponível no Youtube⁴. São dois vídeos postados em 2018, pela Carmen Fossari. No entanto, os registros estão com áudio e imagens de baixa qualidade.

Para compreendermos melhor este histórico de tentativas da montagem de *Vozes Veladas* e a própria escrita da peça, precisamos entender mais sobre a trajetória da escritora. O cerne desta pesquisa reside na indagação sobre o motivo pelo qual Eglê Malheiros dedicou grande parte de sua produção literária à poesia e à

3 Gomes. Obra de Cruz e Sousa inspira arte teatral. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 14 de nov. 1997. Variedades.

4 Cruz e Sousa. Carmen Fossari. 10 de dez. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBa5QgPINuU&t=339s>. Acesso em: 05 de nov. 2023.

vida de Cruz e Sousa. Para elucidar tal questão, é importante compreender os contextos históricos em que Eglê esteve inserida e os ambientes que influenciaram seu trabalho.

No entanto, as obras da autora não constituem as únicas fontes de pesquisa deste estudo. Faremos também uso de fontes documentais, como jornais e revistas, disponíveis no acervo do Instituto de Documentação e Investigação de Ciências Humanas (IDCH), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), as quais nos auxiliarão a aprofundar nosso entendimento sobre a figura de Eglê Malheiros.

Segundo Isadora Muniz Vieira (2017), em 2012 teve início o processo de doação do acervo de Eglê Malheiros e seu companheiro de vida Salim Miguel para o IDCH, através de negociações entre Eglê Malheiros, Salim Miguel e autoridades acadêmicas da época, incluindo o diretor geral do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), da UDESC, o professor Emerson Campos, e o diretor de Extensão, Cultura e Comunidade, da mesma instituição, o professor Fábio Napoleão, juntamente com a bibliotecária do IDCH, Iraci Borszcz. Essas negociações foram intermediadas por Maria Graciana Espellet de Deus Vieira, uma pessoa próxima à família Miguel.

Em 28 de novembro de 2013, o acervo foi formalmente entregue ao IDCH, contando com aproximadamente 10 mil itens, que englobam a biblioteca particular do casal, composta por livros, periódicos, fotografias, troféus e objetos de homenagem.⁵

É evidente, ao examinarmos a extensão de seu acervo, que Eglê era uma ávida leitora, cuja paixão pelos livros se manifestou desde a infância. Ainda criança já havia lido todas as obras de sua biblioteca e sua sede por conhecimento a levava trocar livros com um vizinho, estudante do Colégio Catarinense, que possuía uma coleção mais diversificada. Além disso, de forma clandestina, ela lia histórias em quadrinhos, trazidas por um primo da mesma idade que a visitava com regularidade. Além de ler, Eglê também começou a escrever muito jovem.⁶

Eglê Malheiros deixou sua marca singular na literatura. Seu único livro, *Manhã*, foi publicado em 1952, o qual apresenta um compilado de poemas. Nestes poemas, Eglê fala sobre seus sentimentos, seus posicionamentos políticos e sua

5 Vieira, 2017. p. 3.

6 Zimmerman, Joseane. 1998. p. 18.

vontade de justiça social. Além disso, ela publicou alguns destes poemas em diversos meios, incluindo a *Revista Sul*⁷ e variados jornais e coletâneas.

Além da poesia, Eglê dedicou-se a várias outras formas de expressão cultural, envolvendo-se no teatro, cinema, edição de revistas, produção para crianças, tradução, revisão e reflexão crítica sobre a realidade brasileira.

Desse modo, conforme discutiremos mais adiante, entendemos Eglê como uma intelectual. Após alguns meses analisando suas facetas, entendi que falar sobre ela, ler suas poesias e compreender a sua trajetória, diz muito sobre mim mesma, diz muito sobre ser mulher. Ainda que ela seja uma mulher do século XX, Eglê ainda fala ao tempo presente, sua escrita transborda amor e luta, mostrando que é possível ser afável e potente ao mesmo tempo.

Quando discorro na introdução deste trabalho, que “Há muito de Eglê nas mulheres”, quero dizer que, eu a sinto. Em 2020, aos 17 anos, deixei para trás Novo Horizonte, uma pequena cidade de menos de dois mil habitantes, que se localiza no oeste catarinense, em busca de fazer uma graduação em Chapecó, um centro regional.

Chapecó é um lugar conservador, porém me sinto mais livre que na cidade em que eu morei por 17 anos. Ao me mudar, sinto que saí de uma “caixinha” de padrões sociais a qual estava presa, e fiz alguns movimentos que não são esperados por uma mulher da sociedade cristã ocidental. Sinto a Eglê neste movimento de mudança.

Embora eu seja uma mulher do século XXI e Eglê uma mulher do século XX, percebo a necessidade da mesma força que ela precisou em seu contexto. Embora os valores sociais de sua época fossem mais opressores, persistem resquícios, ainda atuantes, dessas “normas” nos dias atuais

Ao ler e escrever sobre a trajetória de Eglê, é evidente as dificuldades que ela enfrentou devido às questões de gênero, especialmente por viver em um século onde o machismo era ainda mais enraizado na sociedade.

Eglê Malheiros, única mulher do Grupo Sul, via-se impossibilitada de frequentar todos os locais acessíveis aos homens. Quando havia encontros em bares para discutir sobre as ideias do grupo, ela não participava, já que mulheres não frequentavam esses lugares. Essa disparidade, para ela, não era mera

⁷ A Revista Sul, surgida em 1948 e com uma trajetória de uma década, foi pioneira como veículo de comunicação moderno voltado para a cultura de Santa Catarina, a revista destacou-se como o principal meio de expressão do Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina.

coincidência. A intelectual, expressa em seus textos uma constante preocupação com a posição da mulher na sociedade.

Ela defendia a ideia de que todo artista deveria ter um compromisso com o seu contexto histórico, afirmando que é impossível viver alheio ao seu tempo e ambiente, e que a falta de contribuição para o progresso e a melhoria do seu meio representa um retrocesso. Sua postura como poeta se destaca pela sua consciência feminista, que transparece em diversas análises críticas.

Segundo Joseane Zimmermann, Eglê Malheiros, em um contexto literário dominado por “poeminhas muito maciozinhos, de anjinhos, não sei o quê⁸”, dedicou-se a buscar, analisar e divulgar obras escritas por mulheres. Enfrentando a visão limitada da época que relegava as mulheres à “escrevinhadeira”, suas críticas e poemas impregnados de luta e engajamento, expressam um anseio genuíno por uma sociedade mais igualitária.⁹

A autora, nascida em 1928, teve sua infância e adolescência marcadas pelo período do Estado Novo (1937-1945).¹⁰ As primeiras décadas do século XX no Brasil foram marcadas por contradições no que tange às mulheres. De um lado, conquistas importantes como o acesso ao ensino superior e a algumas profissões, que demonstravam um movimento de emancipação feminina. Do outro, havia uma ideologia dominante que ainda traçava para elas um papel secundário, relegando-as à coadjuvância na cena histórica.¹¹

Atributos como pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo eram tidos como essenciais para a mulher brasileira. Essa visão reforçava o ideal da mulher do lar, confinando-a a ser dona de casa e esteio da família. Desta forma, o acesso restrito à educação e ao mercado de trabalho, a desigualdade salarial e a submissão ao homem no âmbito familiar eram realidades enfrentadas pelas mulheres da época.¹²

Assim, no contexto de Florianópolis no século XX, uma mulher atuar como intelectual demandava uma luta constante, e Eglê emergiu como uma figura proeminente nessa vanguarda feminina. Integrante da história e do movimento

8 Zimmermann, Joseane. 1998. p. 7.

9 Zimmermann, 1996, p. 7.

10 O Estado Novo (1937-1945) foi um período de ditadura no Brasil sob o comando de Getúlio Vargas. Caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, industrialização e relações controladas com trabalhadores, o regime foi marcado por avanços e retrocessos, influenciando a sociedade brasileira até hoje.

11 Rosa, Maristela. 2013. p. 16.

12 Ibid.

modernista catarinense, sua trajetória de vida é parte da investigação neste estudo, porque o cerne desta pesquisa reside na compreensão do motivo pelo qual a intelectual Eglê Malheiros dedicava-se à leitura e escrita sobre Cruz e Sousa.

Ao observarmos a produção intelectual de Eglê, torna-se evidente seu profundo interesse em abordar a figura de Cruz e Sousa, o que se reflete na profusão dos registros relacionados a ele. Assim, iremos analisar todas as obras de Eglê que fazem menção ao poeta Cruz e Sousa. Serão examinados registros presentes em jornais, revistas e obras literárias e críticas, a saber: *Centenário de Cruz e Sousa - Interpretações* (1962), *Vozes Veladas* (1995) e *Poemas - Cruz e Sousa* (1998).

A análise desses escritos evidencia a recorrência de elementos no discurso de Eglê, os relacionando à trajetória de vida de Cruz e Sousa e se interconectando nas diferentes obras da escritora, além disso, é notório que por várias vezes, algumas questões postas por Eglê transpasse suas opiniões e vivências. Essas questões estão relacionadas, por exemplo, a elementos como a críticas à Academia Catarinense de Letras, ao cristianismo e ao comunismo.

Em vista disso, no presente trabalho demonstrarei as conexões entre esses pontos de seu discurso que se conectam nas diferentes obras, além de relacioná-los com passagens da trajetória de vida da própria escritora.

No início de 2024, durante uma visita à cidade de Florianópolis, busquei encontrar vestígios da presença de Eglê na cidade, porém deparei-me principalmente, com aquele de quem ela tanto falava; João da Cruz e Sousa. É maravilhoso, poder observar que há monumentos, pinturas, museu e nomes de instituições que finalmente homenageiam Cruz e Sousa, porque atualmente, após muita resistência, o escritor é considerado um dos precursores do movimento simbolista no Brasil.

Embora seja relevante para a preservação da memória a nomeação de instituições, ruas e estátuas em homenagem a figuras históricas, este não parece ter sido o objetivo principal de Eglê Malheiros ao se referir tantas vezes a Cruz e Sousa. Não adianta termos monumentos com seu nome se as obras do poeta ficarem empoeiradas. Cruz e Sousa deve ser lido e entendido para a promoção da mudança desejada por Eglê.

Dirigi-me à Praça XV de Novembro, no Centro de Florianópolis, à procura da Casa da Literatura Catarinense Cruz e Sousa, um espaço destinado a abrigar livros

de escritores catarinenses disponíveis para leitura da população. Ao explorar o acervo, deparei-me com algumas obras sobre Cruz e Sousa, porém nenhuma delas era de autoria de Eglê. Também, não haviam obras de Eglê.

Esse silêncio fez-me questionar, por que uma mulher que dedicou sua vida à promoção da educação e da intelectualidade local não está representada na instituição literária de Santa Catarina. Há nessa negligência, de certa forma, um encontro entre as trajetórias das obras de Eglê e Cruz e Sousa.

3 PRIMEIROS PASSOS: A VOZ QUE ROMPE

Em 1961, sete escritores de Florianópolis, Othon D'Eça, Aníbal N. Pires, Eglê Malheiros, Osvaldo F. M. Filho, Henrique Fontes, Nereu Corrêa e Martinho Callado Jr., participaram de um ciclo de conferências em homenagem a Cruz e Sousa, por ocasião do centenário de seu nascimento na antiga Nossa Senhora de Desterro, atual Florianópolis.

Essas palestras foram organizadas pelo governo estadual e posteriormente publicadas em um livro intitulado *Centenário de Cruz e Souza - Interpretações*, organizado pelo escritor Salim Miguel. Passados 50 anos, a obra foi relançada pela editora Unisul, motivada principalmente pela relevância e profundidade das análises e discussões sobre o simbolista brasileiro e seus escritos. Além disso, a reedição visava enriquecer ainda mais as celebrações do 150º aniversário de nascimento de Cruz e Sousa.

Neste livro, Eglê inicia seu texto nos dando o panorama histórico da antiga cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. Sua descrição apresenta um retrato social e cultural de seu tempo. A população da cidade é descrita como não ultrapassando dez mil habitantes, indicando um centro urbano de tamanho relativamente pequeno.

1861 - A população de Desterro não atinge dez mil almas; cidadezinha atrazada e pretenciosa, com muitas farofas aristocráticas, ambiente social fechado, vida cultural embrionária e sem autenticidade, embora as senhoras se vestissem na última moda e muito belo Brummel nada ficasse a dever aos da Côte. Espanavam-se os guarda-roupas, mas não se espanavam as mentalidades. Na cidade provinciana de um Brasil "essencialmente agrícola", agricultura regada com suor e sangue de escravos, filho de escravos, nasceu um poeta.¹³

A presença de uma elite é destacada pela menção de "muitas farofas aristocráticas", revelando uma estratificação social pronunciada. Essa alta sociedade parece estar interessada em imitar os modos e estilos de vida da "corte", refletido na sofisticação do vestuário.

Apesar das tentativas de emular a cultura e os padrões da "corte", a cidade é descrita como um "ambiente social fechado" sugerindo uma comunidade onde as relações sociais são limitadas.

A economia da cidade é baseada principalmente na agricultura, com a menção de que esta é "regada com suor e sangue de escravos". Evidenciando sua

13 Malheiros, 1962, p. 33.

dependência do trabalho escravo na produção agrícola e a brutalidade do sistema escravocrata que sustentava a economia brasileira da época.

A historiografia acrítica, foi a principal corrente que popularizou a ideia de que a abolição da escravização no Brasil ocorreu de forma simples com a assinatura da Lei Áurea em 1888. O preço da assinatura da Lei Áurea foi alto, envolvendo anos de resistência e luta dos escravizados, bem como interesses da elite. A falta de amparo oficial e legislativo deixou os libertos sem direitos básicos, presos aos seus "antigos senhores" e sujeitos ao racismo estrutural.

Basicamente, o limite indefinido entre a liberdade e a escravidão insinuava uma condição estrutural social do Brasil oitocentista, que constituía-se sob a reprodução de vínculos de dependência pessoal e de uma política paternalista, que atingia tanto indivíduos escravizados, quanto livres¹⁴.

No seio dessas relações de dependência paternalistas, nasceu, no final do ano de 1861, em Desterro, João da Cruz e Sousa. Seus pais eram escravos domésticos, de um casal de senhores que não tinha filhos. Na peça *Vozes Veladas*, Eglê evidencia as estruturas que atravessam essas relações paternalistas.

Ponto: Que por certo não leu seu confrade Raimundo. Nunca fui capacho de ninguém, desde criança aprendi a respeitar os outros e me respeitar, quem me ensinou isso foi...

Diretor: Já sei, já sei, a Dindinha Clarinda e o Marechal Guilherme, que além disso pagaram seus estudos.

Ponto: Quem me ensinou isso foram meus pais, Carolina e Guilherme, o pedreiro. Sou grato à Dindinha, fui muito mimado por ela quando pequenino, mas foram eles, os meus pais que mourejaram para que Norberto e eu estudássemos, enquanto puderam aguentar¹⁵.

Neste fragmento, Eglê expressa uma crítica em relação àqueles que afirmam que Cruz e Sousa se tornou um intelectual apenas por influência do casal para o qual seus pais trabalhavam, atribuindo todo o mérito a eles. Ao longo de sua escrita, Eglê enfatiza que o mérito da dindinha Clarinda e do Marechal Guilherme foi simplesmente tratar Cruz e Sousa como gente.

Vozes Veladas é uma peça em dois atos. No primeiro, Eglê aborda a vida de Cruz e Sousa na antiga cidade de Desterro, no segundo, ela trabalha sobre a trajetória do poeta na cidade do Rio de Janeiro.

Os personagens da escrita do espetáculo são compostos por Cruz e Sousa, seus amigos e familiares, um diretor de teatro e um ponto que assume o papel de um outro Cruz e Sousa. A peça *Vozes Veladas* encena a montagem e o ensaio de

14 Chalhoub. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil, 2010.

15 Malheiros, 1995, p. 10.

uma peça teatral, que como aqui já mencionado, apresenta a trajetória de vida do simbolista.

Contudo, enquanto o espetáculo é montado e analisado pelo personagem diretor, várias problematizações vão ocorrendo, já que o diretor possui uma postura reacionária. O Ponto (o próprio Cruz e Sousa), interfere várias vezes na montagem desta peça, contando sua própria história de vida e discutindo problemáticas que atribuem a mesma, com o diretor e os demais personagens:

Ponto: Ela foi caridosa, eu era o “ai-Jesus” da casa: logo o marechal morreu, ela adoeceu e logo depois deixou este mundo, como gostas de dizer. Mas já paraste para pensar no que ia na cabeça do tiçãozinho, como se referiam a mim, a título de agrado?

Araújo: Torno a reafirmar, graças a eles nunca te julgaste inferior a quem quer que seja: ninguém escravizou tua alma.

Ponto: Eu vivia dividido entre dois mundos, sem a nenhum pertencer por inteiro.

Araújo: Tu és da estirpe daqueles que preparam o futuro. Quando alguém exclamou *black is beautiful* estava, talvez sem o saber, respondendo a tua voz.¹⁶

É evidente, que ao escrever sobre a vida de Cruz e Sousa, Eglê coloca-se no lugar do simbolista, tentando decifrar o que ele sentia para dar vida a sua poesia.

A obra de Eglê, *Cruz e Sousa: Poemas*, foi concebida com o propósito de envolver professores e alunos na apreciação dos poemas e prosas poéticas do simbolista brasileiro, com reconhecimento internacional. Lançado em 1998 por ocasião do centenário de corte do poeta, o livro recebeu em 2011 uma segunda edição, em celebração ao sesquicentenário de nascimento de Cruz e Sousa. Neste livro observamos como ela mesma explica o trecho de *Vozes Veladas* anteriormente citado:

[...] podemos imaginar os conflitos lá dentro de sua cabecinha. A mãe uma serviçal de casa, às voltas com o tanque e o ferro de engomar; o pai escravo; e ele o ai-Jesus da senhora, recebendo agradinho das visitas. Ainda bem. Esses primeiros anos devem ter alicerçado em Cruz e Sousa uma sólida auto-estima, protegendo-o contra um dos piores venenos que o escravismo destilou em nossa sociedade: o sentimento de inferioridade das pessoas de cor.¹⁷

Ademais, o tema do conflito interno vivido por Cruz e Sousa, em decorrência de influências externas, não é abordado apenas na década de 1990. Na obra *O Centenário de Cruz e Sousa: Interpretações*, de 1962, Eglê trata desta questão:

Que sentimentos contraditórios não passaram pela alma de Cruz e Sousa? As pessoas mais queridas apontavam-lhe o alvo a atingir: o saber dos homens brancos, o viver dos homens brancos. O meio ambiente se fecha porque êle é negro, ser negro é ser pária (...) É o “negrinho maluco”, o pernóstico, o que se atreve a andar mais elegante do que muitos brancos.

¹⁶ Ibid, p. 14.

¹⁷ Ibid, 1998, p. 10.

E, pior do que isso, um que não se prosterna ante a cultura oficial, porém se atreve a vir discutir na “mui leal” um tal de evolucionismo.¹⁸

Deste modo, é notório que Eglê foi uma leitora assídua de Cruz e Sousa. Ainda, em seu texto de 1962, ela afirma que possui uma grande admiração pela poesia do simbolista e um dolorido respeito por sua história.¹⁹ Além disso, a escritora já demonstra estar interessada em produzir mais a respeito da trajetória de vida do poeta.

Eglê comenta que muitos conferencistas preferem abordar detalhes e realizar uma análise profunda dos seus poemas, mas que ela busca estudar o humano. Deseja que os pontos levantados em seu texto sirvam de estímulo a discussões e pesquisas.²⁰ E assim fazemos.

Da mesma forma, ainda discorrendo a respeito dos conflitos internos de Cruz e Sousa, Eglê também escreve sobre o seu sofrimento em relação à dicotomia entre “carne e coração”. No texto de *Vozes Veladas* o personagem diretor, tem a intenção de salientar na peça a encenação de uma serenata de amor, em alusão aos primeiros amores da vida do poeta. Ele pede para que os próprios atores escolham uma poesia de Cruz e Sousa para representar este momento de sua vida.

Os atores, contrariando a intenção do diretor, entoam juntos uma das poesias em que o poeta aborda a vida dos escravos na senzala. Diante disso, o diretor, visivelmente irritado, interrompe a cena e repreende a abordagem, ressaltando que o propósito daquela representação é evidenciar para a plateia que “o crioulo era gamado numa loura, bem branca”.²¹

Araújo: Que barra, hein, Poeta. Agora querem te cobrar por ter cantado as loiras. E olha que eram bem platônicos.

Ponto: Os versos, sim, em certa medida. Mas quanto aos desejos...Eu ardia, como ardiam todos os jovens de então, e por certo também - embora fosse anátema quem ousasse pensar isso - ardiam as donzelas. Cheguei a escrever: “**Carnais, sejam carnis tantos desejos**”. Numa sociedade em que amor e desejo deviam andar separados, uns poucos toleravam que amasse as mulheres brancas, mas me era interdito desejá-las.

Araújo: Para o desejo existiam as desclassificadas e que, por uma lei natural, parece, eram negras ou mestiças.²²

Para melhor discutirmos o que Eglê quis salientar nesta cena, basta nos atentarmos a sua análise do livro do centenário. De acordo com Engels, a principal concepção de Hegel reside na ideia de que o mundo não pode ser entendido como uma coleção de objetos estáticos, mas sim como uma série de processos em

18 Ibid, 1962, p. 34.

19 Ibid, p. 33.

20 Ibid.

21 Ibid, 1998, p. 22.

22 Ibid, p. 24. Nosso grifo.

constante mudança. Nessa perspectiva, tanto os objetos aparentemente estáveis quanto seus reflexos mentais em nossas mentes, ou seja, os conceitos, passam por uma sucessão contínua de transformações, seguindo um processo de surgimento e declínio. Para João da Cruz e Sousa, esses princípios deveriam ser vistos como um prenúncio de liberdade.²³

Os primeiros poemas de Cruz e Souza, são uma construção de imagens de mulheres brancas, descritas como "formas alvas, brancas, formas claras", das quais ele extraía sentimentos de pureza e inocência. Eglê Malheiros desenvolve, apresentando que há diversas razões para essa inclinação. Foi destacado anteriormente que, considerando a cor da pele negra como um obstáculo, a reação de Cruz e Sousa, enquanto ainda acreditava poder superar essa barreira por conta própria, era buscar uma "pureza mental" associando-a à branquitude.²⁴

Ao mencionar a cor da pele negra como um obstáculo a ser superado, ela discorre sobre as complexidades raciais presentes na sociedade e na vida do próprio Cruz e Sousa. Sua análise aponta para uma reflexão mais profunda sobre as motivações e influências por trás da produção literária do escritor, revelando questões de identidade, racismo e busca por liberdade.

Além disso, Eglê acrescenta que essa estrutura social de hierarquização é evidente em *Broquéis*. Além disso, o amor considerado digno, o amor aceitável, é dirigido às mulheres brancas. Naquela sociedade, as mulheres negras eram escravizadas, estavam disponíveis para resolver questões sexuais e os filhos que geravam não tinham reconhecimento paterno. Simultaneamente, enquanto a hipocrisia burguesa da época gerava insatisfação nas mulheres brancas, que eram as detentoras dos sentimentos, uma sociedade escravocrata tornava a negritude uma condição primária para um relacionamento sexual descompromissado.²⁵

A autora aponta para a dualidade de sentimentos presente no protagonista, mostrando como a sociedade imprimia expectativas contraditórias sobre o amor e a sexualidade. Enquanto o amor espiritual era enaltecido como digno e puro, o desejo carnal era visto com ambiguidade e até mesmo condenado, especialmente quando relacionado às mulheres negras que são totalmente objetificadas.

Além disso, a análise de Eglê destaca a hipocrisia da burguesia da época, que perpetuava ideais de pureza e moralidade enquanto explorava e oprimia tanto

23 Ibid, 1962, p. 37.

24 Ibid.

25 Ibid, p. 38.

mulheres brancas quanto negras. Enquanto as mulheres brancas sofriam com as restrições impostas pela sociedade patriarcal, as mulheres negras eram ainda mais marginalizadas e exploradas, enfrentando uma dupla opressão racial e de gênero.

Dessa forma, podemos observar pelos trechos citados, que Eglê Malheiros oferece então, reflexões sobre as complexas intersecções de raça, gênero e classe na sociedade brasileira do século XIX, contextualizando a obra de Cruz e Sousa dentro dessas dinâmicas sociais e culturais.

Portanto, Eglê conclui tal questão acrescentando que as mulheres que ele ama devem, para que ele se considere digno, despertar sentimentos puros, livres de desejos carnis. E assim, Cruz e Sousa se encontra dividido entre sentimentos contraditórios: amor espiritual e desejo carnal. Nele, percebe-se uma dualidade, uma pessoa cuja vida é profundamente influenciada pelos sentidos, tal contradição só será resolvida com Gavita.²⁶

Gavita, foi a companheira de vida de Cruz e Sousa. Ele a conheceu em sua fase adulta e ela o inspirou a fazer vários de seus poemas. A relação de Cruz e Souza com Gavita é explorada na peça de Eglê, ressaltando que após conhecê-la, ele resolveu a dicotomia entre “carne e coração”:

Ator C (Cruz e Sousa): Gavita, encontrar-te foi encontrar a vida. Antes de ti, eu vivia dividido; em ti encontrei o amor pleno de um homem por uma mulher. Amo tua alma e amo teu corpo, sentimento e desejo se completam, não se anulam. Tu não sabes como antes sofri. Julgava que as mulheres amadas tinham de ser inacessíveis, intocadas, objeto de adoração platônica. Ansiava por uma união que englobasse corpo e alma, e as jovens da minha raça eram, pobres delas, rudes e incultas; quanto às moças brancas estremeciam de horror à simples idéia de amar um homem de cor. Mas contigo, não, tudo possuis de luminoso e perfeito, como a noite possui as Estrelas e a Lua, e vejo e sinto tudo através da harmonia espiritual, da alta compreensão requintada e subjetiva de quem te ama e deseja.²⁷

Após a infância de Cruz e Sousa, os senhores morreram e assim, ele vivia com seus pais, já alforriados. Enquanto adolescente, trabalhava como atendente em uma loja, ministrava aulas particulares e frequentava o Ateneu Provincial. Sua inteligência era notável, sua sede por conhecimento e leitura eram insaciáveis.

Um grupo de jovens interessados em livros, versos e literatura se reúne. Para a maioria deles, um deles é rotulado como o "negro encenqueiro" que faz rimas. Ele é descrito como presunçoso por não aceitar seu lugar: Imaginem, um sujeito, filho de

26 Ibid.

27 Ibid, 1995, p. 46.

pais negros, sem um pingo de sangue branco para justificar seu gosto pela arte e se achando poeta.²⁸

Neste trecho da obra *Poemas*, a autora faz uma crítica sobre como a sociedade da época via Cruz e Sousa, ilustrando a maneira como as noções de identidade e pertencimento são moldadas pelas estruturas de poder dominantes.²⁹ O "sujeito" em questão é descrito como alguém que está se "achando" poeta, sugerindo que sua aspiração artística é vista como uma pretensão presunçosa, uma tentativa inadequada de se enquadrar em um papel que a sociedade não acredita que ele deva ocupar.

Eglê discorre, que esse grupo literário é um grupo unido que enfrentava o conservadorismo. Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Oscar Rosas e Cruz e Sousa faziam parte deste grupo. Colaboravam na imprensa, editavam seus poemas e apoiavam as raras companhias teatrais que chegavam a Desterro:

“Ator: São versos de aprendizado. A Idéia Nova combatia o romantismo em prol do Parnasianismo, mas sabes que o romantismo é um fungo de alma nacional.”³⁰

O grupo de escritores busca ficar atento a respeito da atividade cultural dos grandes centros do país e do exterior, acompanha as publicações em inglês e francês e cria o movimento Ideia Nova, para difundir em Desterro a proposta parnasiana:

Diretor: Você é mesmo um cara presunçoso. A peça está baseada em sólida documentação e foi escrita por um membro da Academia e além d... Ponto: Que por certo não leu seu confrade Raimundo [...]”³¹

No início da peça *Vozes Veladas*, deparamo-nos com um diálogo entre o personagem diretor e o personagem ponto. O diretor, já imerso em uma discussão, assegura que sua argumentação está fundamentada em documentação confiável, proveniente de um membro da Academia Catarinense de Letras (ACL). No entanto, o ponto prontamente discorda, dando prosseguimento ao debate.

O trecho mencionado aborda a história literária local, na qual não apenas Cruz e Sousa teve participação, mas também Eglê Malheiros. É evidente que, ao expressar tais opiniões em sua obra, Eglê faz uma crítica a ACL ao tentar abordar a figura de Cruz e Sousa. Entretanto, para melhor compreensão, é necessário aprofundarmo-nos mais na história literária de Santa Catarina.

28 Ibid, 1998, p. 12.

29 Almeida, Silvio. *A Produção Cultural da Identidade Negra*. 1ª ed., Editora Perspectiva, 2012.

30 Malheiros, 1995, p. 23.

31 Ibid, p. 10.

3.1 QUEM ERAM REALMENTE OS NOVOS?

Segundo Celestino Sachet, o impacto gerado pela proposta inovadora do conjunto de escritores liderado por Virgílio Varzea, Santos Lostada e Araújo Figueiredo, sob a orientação do Presidente da Província, Gama Rosa em 1883, buscava uma renovação nas concepções estético-literárias de Desterro, o que viria a desencadear um conflito com os conservadores/românticos, cujo principal representante era Eduardo Nunes Pires.

A proclamação da República em Santa Catarina alijou do poder uma aristocracia urbana disputada por conservadores e liberais que acompanhavam as disputadas dos seus chefes na Corte. Na esfera literária, o recém-introduzido sistema de governo não exerceria influência significativa. As disputas nunca assumiram uma natureza político-ideológica, limitando-se estritamente ao âmbito estético-literário. Esta dinâmica é personificada no embate entre os "antigos", relutantes em se retirar, e os "novos", ansiosos por assumir seu lugar.³²

Em 1883, o presidente da província, Gama Rosa, traz a Desterro as ideias de Comte, representando o positivismo científico característico da época. Ele atrai jovens para seu "grupo", organizando encontros em sua residência. Uma atividade crucial que seria retomada posteriormente por Altino Flores e outros, que viriam a fundar a Academia Catarinense de Letras. Nesse contexto, o romantismo é relegado a segundo plano diante das novas ideologias emergentes.³³

Sachet discorre que misturavam todas as ideias por apenas ouvir as preleções de Gama Rosa, mas que isso, foi o suficiente para suscitar a ideia nova, a qual logo foi exposta em botequins e conversas de rua. Assim, Virgílio Várzea lança em 10 de janeiro de 1884, pelo jornal *Regeneração*, um soneto-manifesto, como sinal de alerta para a chegada da ideia nova. Posteriormente, em resposta, a literatura romântica e conservadora, que já estava incomodada, rebate-o lançando uma crítica de Pinheiro Chagas, porta-voz da reação.³⁴

No *Jornal do Comércio*, em 5 de março de 1884, Chagas lança *Fantasia sobre o Estilo* onde critica os escritores novos, causando assim uma polêmica literária na cidade de Desterro.³⁵ Desta forma, começa-se uma disputa literária entre

32 Sachet. 1974. p. 11.

33 Ibid. p. 10.

34 Ibid, p. 13.

35 Ibid.

os “novos” e os “velhos” na cidade provinciana, onde os ditos novos passam a conquistar o público com certo discurso que se sustentava na ideia de que aqueles que não conheciam a estética literária do naturalismo e a escola nova eram “atrasados”.

Assim, os naturalistas destacam-se nesse período com publicações assinadas por Várzea e Cruz e Sousa em 1883 e 1884.³⁶ Nos é válido ressaltar, que essas pessoas que faziam parte do grupo dos novos não eram apenas naturalistas, o grupo não possuía uma estética literária homogênea, visto que por exemplo, Cruz e Sousa, simbolista, também participava de tal grupo.

É comum nos depararmos com certa tendência na historiografia literária, como é o caso de Celestino Sachet, que narra a história de grupos literários os classificando a partir de uma base comum, como se todos tivessem a mesma forma de escrita, entretanto, ao analisar essa produção literária, percebemos o contrário. Os escritores “novos” deste período, tinham estilos de escrita diferentes entre si. Em comparação, conforme observaremos mais adiante, o Grupo Sul possuía uma estrutura mais homogênea, seus escritores tinham maior afinidade artística e literária.

Devido ao sucesso dos novos nessa disputa literária, muitos desses jovens conseguiram a proeminência de alcançar cargos públicos. Exceto Cruz e Sousa, o único que não seguiu carreira política, o que certamente pode ser atribuído ao preconceito racial.

Através de uma amizade entre Virgílio Várzea, Cruz e Sousa, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, foi criado o grupo Guerrilha das Letras Catarinenses, que era uma forma de sociabilidade intelectual recorrente entre as décadas de 1890 e 1900.³⁷

O grupo Guerrilha contribuía com várias publicações de artigos em jornais da região. Além disso, a partir do ano de 1884, mais membros entram na Guerrilha e dão início à Tribuna Popular, desta forma, o grupo incorpora-se com novos nomes como Oscar Rosas, Lydio Barbosa, Araújo Figueiredo e outros. Faziam encontros, palestras e leituras literárias. Todos se reuniam para discutir literatura, principalmente a que estava acontecendo no continente europeu.³⁸

36 Ibid, p. 16.

37 Ibid.

38 Ibid, p. 25.

Após a virada do século XIX, os membros do grupo Guerrilha, que eram até então os “novos”, se tornam os “velhos”, a maioria dos membros haviam se isolado, estavam quietos ou já mortos. Na ilha, ficaram apenas Araújo Figueiredo e Santos Lostada, os outros “velhos” saíram do estado de Santa Catarina e expandiram-se para outros estados do Brasil.³⁹

Com isso, surge um novo grupo literário, com uma escrita voltada para o academicismo. Esse grupo também se autodenominava como “os novos”, o principal nome do grupo era o escritor Altino Flores. Assim, os “novos” do grupo Guerrilha, se tornam agora os “velhos”. Flores tinha o intuito de voltar as atenções nacionais para a literatura de Santa Catarina e por isso foi um dos responsáveis pela criação da ACL, uma instância de consagração para se colocar como referência na narrativa da história literária de Santa Catarina, mas que manteve uma abordagem parnasiana.

A Academia foi concebida por Othon d'Eça em 1912 e estabelecida como Sociedade Catarinense de Letras em 1920, tornando-se assim, oficialmente a Academia Catarinense de Letras em 1924.⁴⁰

Muitos presidentes da República prestigiaram a ACL, geralmente em celebrações luxuosas, como a recepção de novos membros na Academia. Isso ocorria porque a Academia de Letras possuía uma tradição inventada.

Para Alessandra El Far, a Academia Brasileira de Letras se dedicava a trabalhar pela glória e imortalidade dos homens de letras. Além de zelar pela língua e literatura brasileiras, destacava, através dos inúmeros discursos de seus membros, a tarefa de garantir a memória daqueles que faziam parte dela. Por isso, erguiam-se monumentos em homenagem aos integrantes, e, ao longo dos anos, foi sendo composta uma galeria de retratos de todos os seus membros e patronos. Desse modo, El Far afirma que:

Monumentos eram construídos com o objetivo de evocar os tempos pretéritos e assim consolidar a memória institucional, as sessões destinadas a receber os novos sócios eleitos representavam o ápice desse processo. Partindo de uma teatralização minuciosamente delineada, os acadêmicos sublinhavam a existência de seu passado e sua tradição através de discursos que cultuavam a vida e a obra de seus patronos e membros falecidos. (...) Com o tempo, os homens de letras evidenciavam uma intensa preocupação com a eficácia visual dessas celebrações. Os salões onde eram efetuadas as cerimônias passam a receber inúmeros adornos, e os agentes por elas responsáveis tornavam-se atores de comportamento ensaiado e gestos comedidos.⁴¹

39 Ibid, p. 40.

40 Ibid, p. 35.

41 El Far, 2000. p. 124.

Desta forma, seja pela encomenda de estátuas em homenagem a acadêmicos falecidos, ou pela realização de elegantes cerimônias de recepção, o objetivo era transformar certos homens de letras em figuras nacionais aclamadas pelo público, semelhantes às grandes personalidades políticas.⁴²

Além disso, é importante mencionar que a Academia Brasileira de Letras também enfrentava diversas críticas, principalmente as que alegavam que, em vez de promover a língua e a literatura nacionais, os imortais estavam mais preocupados em se enaltecer mutuamente.⁴³

No entanto, apesar desses ataques, a instituição, com a meticulosidade de suas reuniões e sessões comemorativas, tornou-se um meio seguro para aqueles que buscavam ver seus nomes exaltados e glorificados.⁴⁴ Assim, podemos observar como a Academia Brasileira de Letras, também representou uma instituição de consagração de poder e canonização no movimento literário brasileiro.

Ademais, a proposta acadêmica representou a única forma de expressão literária até a década de 1940, com sua linguagem academicista dominando a produção dos escritores locais.⁴⁵ Enquanto a estética parnasiana abraçava a ilha, a literatura nacional era sacudida pelo modernismo. O modernismo brasileiro:

Um movimento promovido em São Paulo por quatro ou cinco jovens, que, em 1922, dividiu em antes e depois a cultura do Brasil. O antes era o atraso, a cópia, a submissão; e o depois, graças a eles, a rebeldia, o modernismo, a atualização. O movimento teve como abre-alas a Semana de Arte Moderna, três noites explosivas no Theatro Municipal, em que os artistas e intelectuais paulistas apresentaram sua produção a uma plateia ofendida e furiosa. A Semana sacudiu o país e preparou o terreno para que outro movimento, de caráter político, a Revolução de 1930, derrotasse a velha ordem e pusesse o Brasil no rumo da modernidade.⁴⁶

A citação acima, é um pensamento generalizado e acrítico sobre a semana da arte moderna, entretanto a partir dele, podemos nos questionar se os “novos” de São Paulo eram mais novos, que os “novos” de Santa Catarina. Se o movimento modernista mudou a cultura e a história do Brasil, por que ele não atingiu o estado catarinense?

Valdélia Pereira afirma que na década de 1920, o Brasil passou por mudanças renovadoras em diversos aspectos, incluindo manifestações sociais, políticas, crescimento industrial e no que diz respeito às artes e à literatura, tivemos

42 Ibid, p. 132.

43 Ibid.

44 Ibid.

45 Pereira. 1998, p. 17.

46 Castro, 2021, p. 93.

como marco, a Semana de Arte Moderna em 1922, trazendo consigo o conceito de modernidade.⁴⁷

No entanto, em contraste com o movimento modernista nacional, a autora demonstra que naquele período os escritores catarinenses seguiram uma direção diferente ao criar a ACL, que manteve uma abordagem parnasiana que diferia da tendência modernista. Em vista disto, em 1945, a mentalidade literária em Santa Catarina ainda se mantinha parnasiana, com os mesmos escritores da década de 1920, resistindo às ideias que desafiavam seus preceitos literários, deixando evidente que o Brasil estava dividido culturalmente.⁴⁸

É neste contexto da estética literária catarinense, que surge, em 1947, um movimento de grande repercussão considerado um estágio de transição do parnasianismo para o modernismo: o Grupo Sul, do qual Eglê Malheiros fez parte. Neste período histórico, a percepção dos membros do grupo, é de que eles viviam numa “ilha ilhada”, onde o modernismo, que já se reinventava no Brasil, nem havia chegado ainda a Florianópolis e, por este motivo, os integrantes possuíam uma imensa inquietação intelectual em fazer mudança.⁴⁹

O Grupo Sul nasce de conversas em bares e cafés. Vale ressaltar, que apesar de Eglê Malheiros compartilhar desta inquietação intelectual e ser uma das pioneiras do grupo, ela não participava de tais encontros, porque conforme relatou seu companheiro de vida, Salim Miguel: “naquela época mulher não frequentava tais lugares”.⁵⁰ Desta forma, evidenciando uma das barreiras que Eglê enfrentou por ser mulher num período histórico onde o machismo estrutural era mais enraizado que na atualidade, consequentemente explicando também, o porque durante muito tempo ela foi a única mulher integrante do grupo.

Dessas conversas, surge a ideia de criar uma revista. Entretanto, não era apenas uma revista, pois era fundada sob a perspectiva de um projeto cultural que trabalhava com teatro, cinema, artes plásticas e música.⁵¹

Com o objetivo de criar um novo panorama cultural para o estado, realizavam-se reuniões e debates sobre as artes de forma independente da tendência nacional, focando na cultura local. Essas discussões, no entanto, ficaram restritas à capital e

47 Pereira, 1998, p. 17.

48 Ibid, p. 20.

49 Ibid, p. 22.

50 Antunes, 2008, p. 2.

51 Pereira, 1998, p. 24.

resultaram em publicações em periódicos locais alternativos, como a *Folha da Juventude* e o *Cicuta*.⁵²

Entretanto, posteriormente com o surgimento da *Revista Sul*, os escritos do grupo se popularizaram não apenas nacionalmente, mas também internacionalmente. É importante ressaltar, que esses novos escritores, intelectuais e artistas catarinenses, ao publicarem seus trabalhos nesses periódicos, buscavam refletir o que estava ocorrendo no país e expressar seu descontentamento com a situação local.⁵³

Desta forma, o modernismo chegou em Santa Catarina apenas na década de 1940, entretanto isso não decorre de um “atraso cultural”, mas sim porque a Semana da Arte Moderna não envolveu o Brasil todo, como conta a narrativa histórica mais popular.

Assim sendo, para compreender a emergência do Grupo Sul, em Florianópolis, é necessário darmos atenção às suas raízes e à narrativa histórica do modernismo brasileiro. Seria possível toda esta revolução modernista caber numa só semana? Por que se dá a escolha da cidade de São Paulo como palco para tal evento? Como poderia Florianópolis ser “atrasada”, ou então isolada, se anteriormente era o local onde nasceu um dos maiores nomes do simbolismo nacional? São aspectos que requerem uma análise mais aprofundada.

Para Ana Maria de Moraes Belluzzo, os historiadores da arte encontram em Baudelaire o início da cultura moderna e uma sensibilidade que oscila entre modernidade e tradição. Se determinar com precisão o início da modernidade artística no contexto ocidental é uma tarefa desafiadora, para compreender o que é considerado “moderno” em países com formação histórica colonial, como o Brasil, a compreensão da modernização apresenta desafios ainda maiores, já que estes não puderam desenvolver a sua própria modernização técnica.⁵⁴

De fato, os modernistas que surgiram na primeira metade do século XX desempenharam um papel significativo na revitalização da mentalidade brasileira, demonstrando um interesse simultâneo tanto nas influências externas quanto nas questões internas do país. Segundo a pesquisadora Belluzzo, no Brasil a cultura moderna evoluiu para se tornar um movimento de grande complexidade, deixando

52 Ibid.

53 Ibid, p. 25.

54 Belluzzo, 2021, p. 43.

um impacto profundo em áreas como a literatura, as artes visuais, a música, a arquitetura e a arqueologia. Além disso, o movimento modernista provocou um reexame em diversos campos como a história, a sociologia, a antropologia e a linguística.⁵⁵

Segundo Belluzzo, o Brasil estava saindo recentemente do regime de escravidão e entrando na República, ainda sob o controle regional da política dos governadores. Desta forma, o país estava testemunhando o início da industrialização, o declínio gradual das antigas oligarquias e a chegada do Estado Novo com seu projeto centralizador.⁵⁶

Tais mudanças preocupavam intelectuais, pois encontravam um país culturalmente diverso e desprovido de uma coesão cultural unificada. A autora afirma que essa realidade, uma espécie de mosaico sociogeográfico, abrigava diversas culturas tradicionais que coexistiam com as culturas urbanas em busca da modernização. Segundo a autora, durante esse período efervescente, as diferenças sociais, regionais e culturais se acentuaram, e essas disparidades evidenciavam-se em várias manifestações do modernismo brasileiro.⁵⁷

Desta forma, podemos observar que havia diferentes aspirações de renovação em cada região do Brasil, expressas de maneiras diversas, que serviram como expressões culturais das diferenças regionais e das aspirações nacionais.⁵⁸

Sendo assim, em concordância com a autora, podemos afirmar que o surgimento da arte moderna em nosso contexto demanda uma consideração de seu caráter revolucionário. Esta revolução moderna traz, sim, uma libertação para a arte, rompendo com as restrições do conceito acadêmico que estava presente desde o triunfo dominante da Renascença italiana, como afirma o crítico Mário Pedrosa.⁵⁹

Contudo, também vale ressaltar, que essa ruptura entre antigo e moderno não se resume a uma única semana e o conceito da modernidade, também não se disseminou de forma simples. O modernismo nas artes do Brasil, longe de irromper instantaneamente na Semana de 22 como popularmente se é narrado, na verdade, representa a abertura de janelas para algo que gradualmente acontecia na Europa desde o final do século XIX. Tanto artistas do Nordeste ou do Sudeste, - como por

55 Ibid, p. 44.

56 Ibid, p. 45.

57 Ibid.

58 Ibid.

59 Pedrosa, 1947, p. 7 apud Beluzzo, 2021, p. 44

exemplo Alvim Corrêa, Rego Monteiro, Mário Pedrosa, Oswald de Andrade, Artur Timótheo e Anita Malfatti - viveram no continente europeu e viram o que estava agitando as artes e cultura europeias.⁶⁰

Na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, muitos artistas se estabeleceram por algum tempo, seja para frequentar a Escola Nacional de Belas Artes e se aproximar de círculos artísticos e intelectuais inovadores, seja para usar a capital como ponto de partida para a Europa.⁶¹

As autoras Aracy Amaral e Regina Barros apontam que na cidade do Rio de Janeiro buscava-se a modernização e nela, abrigavam-se grande parte da elite artística e intelectual. No entanto, em 1922, a cidade priorizou as comemorações do centenário da Independência, enquanto São Paulo, enriquecida pela cafeicultura, se esforçava para se posicionar como uma cidade voltada para o futuro e alinhada às tendências europeias.⁶²

Além disso, com a ocorrência do fenômeno da imigração europeia, a partir de meados do século XIX, e da japonesa, desde o início do século XX, São Paulo se destacou aos olhos dos europeus, devido ao seu crescimento rápido.⁶³

Apesar de São Paulo não ser a única cidade brasileira com anseio de modernização, podemos concluir que a Semana de Arte Moderna pode ser vista como parte de um projeto político paulista, cujo discurso vinha na direção oposta daquele engendrado, naquele momento específico, pelos cariocas.⁶⁴

Segundo Luiz Felipe de Alencastro, outro fator importante para a eclosão da Semana da Arte Moderna - cujo impacto no Brasil é frequentemente subestimado - é a relação do crescimento da Argentina e, em especial, de Buenos Aires no início do século XX.⁶⁵

A competição econômica com a Argentina e outros países sul-americanos na busca por investimentos estrangeiros e imigrantes surgiu como um dos motivos para a realização do primeiro censo econômico e industrial do Brasil em 1891. Este censo, intitulado "O Brasil. Suas riquezas naturais. Suas indústrias" (1907-1908),

60 Amaral, 2021, p. 15.

61 Ibid, p. 19.

62 Ibid, p. 16.

63 Ibid, p. 17

64 Ibid, p. 18.

65 Alencastro, 2021, p. 22.

composto por cinco volumes parcialmente traduzidos em várias línguas, revelou, entre outras descobertas, o início do processo de industrialização em São Paulo.⁶⁶

Assim, é possível concordar com o autor quando afirma que a Semana de Arte Moderna se desenrolou no cruzamento de duas mudanças significativas na história do Brasil. Uma delas, no contexto da América do Sul, e a outra a nível nacional.

A primeira mudança diz respeito à ascensão da Argentina como concorrente e eventual modelo de "progresso à americana", afetando tanto o Rio de Janeiro quanto São Paulo. A segunda, resultante da migração em massa do Nordeste para o Centro-Sul, ao mesmo tempo em que diminui a entrada de imigrantes no Brasil, tendo como epicentro a cidade de São Paulo, mas exercendo influência em todo o país.⁶⁷

Nesse sentido, em concordância com Aracy Amaral e Regina Barros, podemos concluir que há uma ruptura entre antigo e novo com a chegada do modernismo, mas que esta ruptura não ocorre de uma só vez, numa revolução de uma só semana.

Ao observarmos cuidadosamente a produção artística, musical, arquitetônica e literária que precedeu a Semana - e considerarmos outras regiões do Brasil além de São Paulo - encontramos numerosas evidências de que a Semana faz parte de um processo mais amplo e intermitente que vai além dela, tanto em termos de cronologia quanto de abrangência geográfica.⁶⁸

Podemos observar que os autores citados anteriormente identificam e justificam a ocorrência da semana de 22 na cidade de São Paulo. Em suma, eles atribuem isso ao crescimento industrial e econômico da região, que atraiu a atenção da Europa, além da ascensão da Argentina como concorrente e modelo de "progresso", afetando tanto o Rio de Janeiro quanto São Paulo.

Esses fatores indicados pelos autores são fundamentais para refletirmos sobre a história desse movimento artístico. No entanto, devemos estar atentos ao eurocentrismo. A grosso modo, lembramos o movimento modernista a partir de uma concepção exportada do continente europeu, mas como anteriormente discorrido por Belluzzo, o movimento não ocorre de forma homogênea em todo o Brasil. Cada

66 Ibid, p. 23.

67 Ibid, p. 24.

68 Barros, 2021, p. 16.

região se expressa de uma maneira diferente, levando em conta as diferentes culturas regionais.

Neste contexto, é interessante olharmos para a obra de Rafael Cardoso, que defende o surgimento do modernismo ainda no Rio de Janeiro, mas que este é invisibilizado por caracterizar uma modernidade autóctone, peculiar às circunstâncias da então capital federal, e essa modernidade seria integrada à boemia, ao carnaval e às artes plásticas.⁶⁹

Para o autor não existe um texto fundador do modernismo no Rio de Janeiro, mas apenas um conjunto de ideias diversas e fragmentadas. Em uma cidade marcada pela segregação racial e social, onde a inovação precisava se adaptar a diferentes realidades, o modernismo carioca floresceu em discursos e práticas capazes de dialogar com uma ampla gama de públicos. Essa característica boêmia e carnavalesca, somada à sua construção autônoma, torna esse movimento ainda mais singular e desafiador de ser compreendido.⁷⁰

Segundo Cardoso, um grupo boêmio no Rio de Janeiro, no início do século XX, foi crucial para definir o que se considerava arte moderna na época. Já em 1909, Elycio de Carvalho usava o termo "modernismo requintado", inspirado no "modernismo" de Rubén Darío, poeta nicaraguense que Elycio conheceu em 1906 e a quem ele muito admirava. Em 1909, Elycio publicou um livro apresentando Darío ao público brasileiro e o elogiando por revolucionar a poesia com versos livres de convenções e regras da métrica tradicional. As declarações de Elycio demonstram uma clara consciência do modernismo como estilo e movimento.⁷¹

Elycio não foi o pioneiro a discutir a arte moderna no Brasil. Três anos antes, seu amigo Camerino Rocha, boêmio e esteta do grupo d'A Furna, abordou a relação entre "arte moderna" e uma "nova concepção de vida" nas páginas da revista *Atheneida*. Esse texto apareceu logo no início do primeiro número, situado entre o editorial de Trajano Chacon e o ensaio de Gonzaga Duque sobre "*A remodelação das artes aplicadas*".⁷²

Desta forma, Cardoso conclui que antes da Semana de Arte Moderna de 1922, artistas gráficos já buscavam, intencionalmente, modernizar a cultura, mesmo que o termo "modernismo" ainda não estivesse totalmente definido. Ao contrário de

69 Cardoso, 2022, p. 145.

70 Ibid.

71 Ibid, p. 168.

72 Ibid.

muitos modernistas posteriores, cujo impacto se limitou ao público acadêmico, as obras desses artistas alcançavam e eram apreciadas por um público mais amplo, demonstrando um anseio por inovação cultural que transcendia os círculos eruditos.⁷³

Há uma persistente marginalização de expressões artísticas populares urbanas como manifestações legítimas do modernismo brasileiro, que evidencia o elitismo que permeia os conceitos de arte moderna e modernismo no país. Entre as décadas de 1940 e 1960, os responsáveis pela canonização do movimento modernista ignoraram ou deliberadamente negligenciaram tais manifestações, perpetuando uma visão limitada e excludente da modernidade cultural brasileira.⁷⁴

Assim, entendendo que o movimento modernista é muito mais complexo que a Semana de 22, abrangendo diferentes expressões artísticas, períodos, regiões e culturas, observamos que a geração de Altino Flores possuía conhecimento não apenas do movimento modernista, mas também da Semana de Arte Moderna que estava ocorrendo em 1922. Osvaldo Ferreira de Melo em “*Introdução à História da Literatura Catarinense*” comenta que esse movimento modernista que seguia as vanguardas europeias - dadaísmo, cubismo e futurismo - não despertou a curiosidade dos intelectuais catarinenses. Entretanto, Sachet contrapõe Melo explanando algumas ocorrências nas relações entre a ACL com o modernismo.⁷⁵

Segundo Sachet, em 1924, Graça Aranha, um dos organizadores da Semana da Arte Moderna, foi a Florianópolis a convite de Ogê Mannebach, escritor da ACL, e foi recebido por uma comissão para saudá-lo em nome da Academia que sabia de sua trajetória em São Paulo.

Othon e Altino visitaram Graça Aranha em seu hotel, onde conversaram sobre as letras catarinenses e o modernismo. Os catarinenses admitiram não terem uma casa editorial e nem revistas fortes, sobrevivendo apenas de artigos em jornais. Graça Aranha criticou os jornais que leu no hotel.⁷⁶ Criticou também, a Biblioteca Pública, afirmando que esta não possuía organização e nem mesmo obras de Cruz e Sousa. Assim, em 1924 Graça Aranha entregou um livro de Pierre Mac Orlan para Altino em nome do modernismo em Santa Catarina.⁷⁷

73 Ibid, p. 195.

74 Ibid.

75 Sachet, 1974, p. 90.

76 Ibid, p. 92.

77 Ibid, p. 93.

No mesmo ano em que Graça Aranha visitou a ilha, circulava na capital a “novíssima”, revista do modernista Cassiano Ricardo, que prometia um número com Oliveira e Silva, escritor catarinense, falando sobre a nova geração intelectual de Santa Catarina. Desta forma, podemos observar que a semana moderna de 1922 não gerou interesse para os intelectuais de Santa Catarina, seus jornais, como por exemplo o Estado e a República não deixavam de comprovar que novas ideias estéticas estavam disputando valores que o Sistema Intelectual insistia em ignorar.⁷⁸

Portanto entendemos que mesmo que o modernismo não tenha ocorrido simplesmente numa só semana e de forma igual para todos os estados do Brasil, Santa Catarina tinha o conhecimento sobre ele, entretanto os intelectuais catarinenses não aderiram essa ideia, mantendo-se na escrita acadêmica.

O modernismo não chegou em Santa Catarina através da Academia Catarinense de Letras. Mas através do Grupo Sul, na década de 1940. A chegada dessa novidade estética literária na Ilha ocorre de uma maneira já familiar.

O Grupo Sul utilizou-se do mesmo argumento que um dia Altino Flores mobilizou contra seus antecessores, afirmando que estavam ultrapassados e precisavam do novo. Daí surgem os novos, dos novos. Os novíssimos: O Grupo Sul. Esse sempre foi o discurso utilizado.

Essa reciclagem do discurso precedido pelo Grupo Sul era necessária, pois a estética literária catarinense não devia fechar-se. Por isso, o grupo claramente foi crucial para Florianópolis, entretanto seu diferencial não estava no discurso, no qual afirmavam ser os novos, pois este já era utilizado há tempos. O diferencial do grupo foi a resistência, a política, a quebra de regras do padrão acadêmico que ninguém ousava subverter.

78 Ibid, p. 96.

4 CONSIDERAÇÕES DA TRAJETÓRIA DE EGLÊ MALHEIROS

Discutir a história das mulheres na historiografia até o começo da década de 1990 significava abordar a "história da exclusão". Buscava-se, em parte, corrigir essa exclusão, visto que identificar sinais da presença feminina em um campo tradicionalmente dominado pelos homens era uma tarefa árdua. Para Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, dentro das ciências humanas, a disciplina de História foi a que mais demorou a adotar a categoria gênero, bem como a incluir o conceito "mulher" ou "mulheres" como uma categoria analítica na pesquisa histórica.⁷⁹

Esse atraso em grande parte ocorreu devido à visão universal atribuída ao sujeito da história, representado pela categoria "homem". Presumia-se que, ao tratar da história dos homens, as mulheres estariam igualmente representadas, o que não correspondia à realidade. Contudo, à medida que a tradição historiográfica dos *Annales* sugeria expandir o conjunto de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela ajudou a incluir as mulheres na historiografia posteriormente.⁸⁰

Nesse contexto, destaca-se a importância a partir da história social, na qual começaram a se engajar correntes revisionistas marxistas. Essas correntes se preocupam com as identidades coletivas de diversos grupos sociais que, até então, estavam excluídos do interesse historiográfico: operários, camponeses, escravos e mulheres, etc.. Os objetos de investigação histórica se diversificam e, nesse processo, as mulheres são elevadas à condição de objeto e sujeito da história. A preocupação da corrente neomarxista com a inter-relação entre o micro e o contexto global permitiu a abordagem do cotidiano, dos papéis informais e das mediações sociais.⁸¹

Atualmente, a discussão sobre história das mulheres e estudos de gênero é muito ampla, visto que ambos os termos englobam análises diferentes e também, são divididos por campos mais específicos, como classe, sexualidade e etnia.

Segundo Joana Maria Pedro, os estudos de gênero, incluindo as categorias "mulher", "mulheres", "feminismo", "feminilidades", "masculinidades" e "relações de gênero", desde 2011, têm buscado centralizar o debate historiográfico, tornando essas categorias comuns entre os pesquisadores da área. Contudo, essas categorias enfrentam instabilidades nos significados que lhes são atribuídos, devido

⁷⁹ Pedro & Soihet, 2007, p. 281.

⁸⁰ Ibid, p. 284.

⁸¹ Ibid, p. 285.

a lutas internas no próprio campo. Assim, ainda permanecem nas margens do conhecimento historiográfico. Talvez por isso, esses estudos procuram novas maneiras de repensar essas margens, deslocando o centro e criando novos caminhos.⁸²

Nesta pesquisa nosso objetivo principal, não é fazer uma análise de gênero propriamente. No entanto, ao abordar a história de uma mulher do século XX, é necessário integrar a discussão às suas problemáticas. Isso se alinha com o que Joana Maria Pedro afirma ser a grande ambição dessa área na história: “tornar essa uma questão transversal, incorporando-a como uma categoria de análise que torna mais rica a escrita da história” (2011, p. 285).

Neste intuito, em 19 de fevereiro de 2024, me desloquei até a cidade de Florianópolis com o objetivo de investigar o acervo de Eglê Malheiros e Salim Miguel. Adentrei apressada o IDCH, na UDESC, que abriga seu acervo. Ansiosa, dirigi-me imediatamente à sala de pesquisa e procedi à colocação dos equipamentos de segurança necessários para manipular o acervo.

Sobre a mesa, deparei-me com três volumosas pilhas de livros relacionados a Cruz e Sousa, material que havia solicitado para minha investigação naquele dia. Meu intento consistia em identificar possíveis marginálias deixadas por Eglê, tais como anotações ou marcações em seus livros, visando compreender seus métodos de estudo e os temas que despertavam seu interesse. Observei ainda quais autores estavam presentes na sua estante.

Depois de algumas horas observando as páginas dos livros, encontrei poucas anotações de Eglê sobre Cruz. Entre os livros bem cuidados e conservados, havia um único livro com algumas marcas, ele era de Andrade Muricy, intitulado *Para Conhecer Melhor Cruz e Sousa*. Havia poucas marcações em formato de (xis) que apontavam a críticas literárias feitas sobre Cruz e Sousa em sua época.

82 Pedro, 2011, p. 277.

Figura 2 – Anotação de Eglê.



Fonte: Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel no IDCH.

Isadora Muniz Vieira aponta que Istán Monok, sugere que as marcas de propriedade, como assinaturas, notas nas margens das páginas e anotações, são fontes valiosas para estudar os hábitos de leitura. O autor argumenta que as marginálias oferecem entendimentos sobre os comentários e discussões dos leitores em relação ao conteúdo de seus livros. Quando um leitor faz anotações em seus livros, isso pode indicar um nível de intelectualidade, levando os pesquisadores a se concentrarem nas reflexões associadas a essa pessoa.⁸³

Desta forma, em concordância com Vieira, é desafiador rastrear os vestígios deixados por Eglê Malheiros: ela não registra anotações, não destaca palavras ou trechos, não dobra páginas. Poucas vezes encontramos sua assinatura nas páginas iniciais dos livros. Assim, é mais comum identificar sinais de sua presença através das dedicatórias feitas por outras pessoas em seus livros, e não por marcas deixadas pela própria Eglê Malheiros.⁸⁴

Portanto, ao final, não encontrei exatamente o que imaginava, mas deparei-me com um acervo riquíssimo. Mesmo sabendo que tudo o que está disponível para pesquisa no acervo, está também disponível na internet, foi apenas pessoalmente que vi a dimensão de tudo. É um número considerável de obras.

Ademais, Vieira ressalta que há uma evidência inescapável de que os comportamentos de leitura documentados pela pesquisa no acervo de Eglê refletem

⁸³ Monok, 2012 apud Vieira, 2017, p. 8.

⁸⁴ Ibid.

práticas de leitura. Esses registros, enquanto documentos de uma época, oferecem uma oportunidade de investigar a história contemporânea, inserindo-se no âmago de um conjunto de representações deixadas por essa leitora em particular, as quais constituem seu legado.⁸⁵

Assim sendo, ter contato com esse acervo foi como estar em contato com uma parte essencial de Eglê. Ao longo de sua trajetória, ela sempre defendeu o acesso universal às instituições públicas. Daí advém a própria constituição desse acervo pessoal em acervo público. O acesso gratuito ao conhecimento é o desejo de Eglê que permanece vivo através dessa iniciativa.

Seguindo a linha de raciocínio de Vieira, é possível inferir, a partir das dedicatórias encontradas nos livros pertencentes ao acervo de Eglê, a natureza de seus contatos sociais, os quais eram predominantemente com pessoas cultas. Como mencionado anteriormente, o acervo de Eglê tem um caráter afetivo, mais do que intelectual, mas suas dedicatórias demonstram sua inserção social no meio de um grupo de intelectuais.⁸⁶

Eglê Malheiros é uma figura intelectual que participou de atividades culturais ao lado de um grupo variado de indivíduos, cuja influência e relevância na cidade de Florianópolis são significativas. Pessoas que se enquadram no conceito de intelectual podem ser caracterizadas por sua atividade científica ou especialização, o que lhes confere um "capital cultural" e "poder simbólico", conforme definido pelo sociólogo Pierre Bourdieu.⁸⁷

Além disso, o envolvimento do intelectual com questões políticas também é relevante. Esses indivíduos estão envolvidos na produção e comunicação de conhecimento, e suas atividades podem ter impacto no âmbito político e social. No entanto, é importante ressaltar que o conceito de intelectual, assim como outros conceitos políticos e sociais, é multifacetado e flexível.⁸⁸

85 Ibid, p. 14.

86 Ibid, p. 9.

87 BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Itinerário de un concepto. s/l: Montessor, 2002.

88 Vieira, 2017, p. 2.

Assim sendo, ainda em concordância com Isadora Muniz Vieira, é pertinente considerar que Eglê Malheiros é uma mediadora intelectual, conforme conceituado por Ângela de Castro Gomes. Segundo ela, o mediador intelectual da cultura desempenha um papel na criação de novos sentidos e significados ao incorporar conhecimentos, ideias e saberes pré-existentes. Após essa incorporação, o que o mediador intelectual produz é um produto diferente e, conseqüentemente, um bem cultural distinto.⁸⁹

Figura 3 – Eglê em frente a um lago.



Fonte: Instagram.⁹⁰

De acordo com Gomes, entre as atividades comuns dos mediadores intelectuais estão a tradução, a edição, a curadoria de coleções e a redação de prefácios, resultando em produtos culturais direcionados tanto para um público culto quanto para um público não especializado.⁹¹

Além disso, é frequente que um mediador intelectual ocupe posições em instituições culturais e em organizações políticas, ou que esteja envolvido em círculos sociais influentes, o que lhe proporciona condições favoráveis para projetos de mediação cultural com implicações políticas.⁹²

Segundo Gomes, os mediadores culturais são vistos como indivíduos conectados com seus colegas e com a sociedade em geral. Eles são agentes que interagem entre si e mantêm um diálogo contínuo com as políticas e a sociedade contemporânea. Isadora Muniz Vieira, aponta que como mediadora intelectual, Eglê Malheiros passou por um processo de desenvolvimento e educação singular,

89 Gomes, 2016, sp. Apud Vieira, 2017, p. 2.

90 Fotografia disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxf5JPdrNXe/>. Acesso em: 26 jun 2024.

91 Gomes, 2016, sp. Apud Vieira, 2017, p. 2.

92 Gomes, 2016, sp. Apud Vieira, 2017, p. 3.

colaborando com diversos agentes sociais e instituições, tanto intelectuais quanto não intelectuais. Seus objetivos e iniciativas frequentemente entrelaçavam aspectos culturais e políticos.⁹³

Eglê trabalhou em instituições culturais ao longo de sua carreira, incluindo o ensino de História no Instituto Estadual de Educação e seu envolvimento com a Fundação Nacional do Livro Infanto-juvenil. Além disso, teve uma participação ativa em grupos políticos, como o PCB. Ela fez parte de uma rede social estabelecida dentro do partido, assim como no Grupo Sul, onde desempenhou um papel central na elaboração de projetos de mediação cultural ao estabelecer conexões com vários outros intelectuais e artistas.⁹⁴

Assim, Eglê esteve engajada na criação de bens culturais, reconhecidos por comunidades de colegas como pioneiros, formando um "pequeno círculo intelectual", uma elite; como mediadores intelectuais, cujo foco principal está nas práticas culturais de disseminação e transmissão.⁹⁵

Portanto, Eglê Malheiros, ao falar sobre Cruz e Souza, exerce uma dupla função: como escritora, ela oferece novas perspectivas e análises críticas que ampliam o entendimento sobre o poeta simbolista; ao mesmo tempo, como mediadora cultural, facilita a aproximação do público com a figura de Cruz e Souza.

4.1 HERANÇA E TRANSGRESSÃO

Eglê é a primeira de quatro irmãos⁹⁶, nascida em 1928, em Tubarão, no sul do estado de Santa Catarina. Entretanto, no seu quarto aniversário, a família de Eglê se mudou para Lages, no planalto serrano catarinense .

A família possuía uma vida confortável, herdeira de uma origem social favorecida, o que permitiu que Eglê tivesse acesso a uma educação de qualidade e começasse a galgar seu caminho intelectual. Dentro do núcleo familiar, podemos remeter sua estreita relação com os livros aos incentivos que recebia desde muito cedo por parte de seu avô e de sua mãe.⁹⁷

93 Gomes, 2016, sp. Apud Vieira, 2017, p. 3.

94 Ibid.

95 Ibid.

96 Seus outros irmãos por ordem de nascimento são: Ione, Elsa e Odílio. MALHEIROS, Eglê. Álbum da família. 30 de agosto de 2021. @eglemalheiros. Disponível em: <https://www.instagram.com/eglemalheiros/>. Acesso em: 25 de jun 2024.

97 Rosa, 2014, p. 429-447.

Ainda na sua infância, em 1932, Eglê perdeu seu pai, Odílio Malheiros, vítima de assassinato. Segundo a pesquisadora Joseane Zimmermann, Odílio era um advogado que havia participado da Revolução de 30 e estava envolvido na movimentação pela convocação de eleições para a assembleia constituinte, visando elaborar uma nova constituição. Ele também era proprietário do jornal *A Defesa*, alinhado com a Aliança Liberal.⁹⁸

Como advogado, defendia os posseiros, o que lhe rendia desentendimentos com os fazendeiros locais. O assassinato ocorreu em meio a tensões políticas e sociais, envolvendo também a esposa do chefe de polícia da cidade. Apesar de ter sido condenado em um primeiro julgamento, o delegado responsável pelo caso foi libertado após um segundo julgamento, no qual as testemunhas se mostraram pouco cooperativas.⁹⁹

Em resumo, foi assim que Eglê Malheiros descreveu os eventos que levaram à morte de seu pai, em uma entrevista realizada por Joseane Zimmermann em 1995.¹⁰⁰ A filha o descreve como “um advogado combativo e um jornalista brilhante, assassinado por defender os desvalidos”.¹⁰¹

Em decorrência da perda do pai, no mesmo ano, Eglê mudou-se, com sua mãe e irmãos, para a casa de seus avós na cidade de Florianópolis. O avô materno, João Otávio da Costa Ávila, possuía um armazém que comercializava louças e rádios em grande escala, em uma “casa espaçosa, com um quintal completo”.¹⁰²

A casa dos avós era um ambiente politizado, pois a menina escondida, sempre escutava atentamente as conversas dos adultos, nas quais se discutia a situação social e política do Brasil naquele período.¹⁰³

Criada neste ambiente, Eglê sempre demonstrou um forte envolvimento em movimentos revolucionários e uma clara inclinação para a esquerda.¹⁰⁴ A autora aponta que seus tios, Almir e Orlando Malheiros, foram detidos em julho de 1935, durante a derrota da Aliança Nacional Libertadora (ANL).¹⁰⁵

98 Zimmermann, 1996, p. 13.

99 Ibid.

100 Ibid, p. 14.

101 Malheiros, 2011, p. 4.

102 Ibid.

103 Zimmermann, 1996, p. 15.

104 Ibid, p. 16.

105 A Aliança Nacional Libertadora era composta por comunistas e membros da ala esquerdista conhecida como “tenentes,” que contavam com o apoio de grupos menores. Foi oficialmente apresentada ao público no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1935, quando Carlos Lacerda leu o

O governo, que já vinha reprimindo as atividades da ANL, encontrou um pretexto para sua dissolução no manifesto de Prestes, lido por Carlos Lacerda, que instigava a queda do "governo odioso" de Vargas e a ascensão de um governo popular, nacional e revolucionário. Posteriormente, eles foram novamente presos em 1937, quando foi estabelecido o Estado Novo.¹⁰⁶

Foi na cidade em que seus avós maternos moravam, Florianópolis, que Eglê passou a maior parte de sua vida. Por escolha materna, a menina passou a frequentar uma Escola Alemã, que era parte integrante da Igreja Luterana.¹⁰⁷ Segundo o historiador João Klug, durante a década de 1930, essa escola era altamente conceituada na cidade, sendo reconhecida por sua excelência.¹⁰⁸

Segundo Eglê, sua família não era rica financeiramente, mas o ambiente cultural era rico.¹⁰⁹ Sua mãe sempre se manteve exigente em relação à educação, desde a primeira até a última etapa de sua formação. A filha descreve sua mãe como uma pessoa determinada, que sustentava a família investindo em educação e garantindo que seus filhos frequentassem escolas de qualidade. Bourdieu argumenta que as decisões educacionais tomadas pelas famílias, incluindo a escolha das instituições de ensino, têm um impacto significativo nos caminhos educacionais individuais.¹¹⁰

Eglê Malheiros, conta que sua mãe, Rita Ávila Malheiros, trilhou o caminho da educação pelo Curso Normal do Estado de Santa Catarina. Já seu pai, Odílio Malheiros, estudou no tradicional Colégio Catarinense e, posteriormente, graduou-se em Direito no Rio de Janeiro.¹¹¹

A trajetória educacional dos pais de Eglê Malheiros se insere no contexto da Primeira República (1889-1930)¹¹², período em que as mulheres de classes

manifesto do movimento e anunciou Luís Carlos Prestes como seu presidente de honra, sendo ele aclamado por unanimidade. FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. p.359.

106 Zimmermann, 1996, p. 16.

107 Ibid.

108 Klug, 1994, p. 119 apud Zimmermann, 1996, p. 16.

109 Rosa, 2013, p. 48.

110 Bourdieu, 2009, sp apud Rosa, 2013, p. 47.

111 Ibid.

112 Durante essa fase, o país experimentou uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais. Politicamente, foi dominada pela política dos governadores, caracterizada pelo controle oligárquico das eleições e pela ascensão das elites agrárias ao poder. Economicamente, viu-se a transição do sistema escravocrata para o trabalho assalariado, o crescimento da economia cafeeira e os primeiros passos da industrialização. A Primeira República foi marcada por conflitos sociais e pelo predomínio das oligarquias, culminando na Revolução de 1930.

abastadas, como Rita, além de ficarem totalmente responsáveis pelas tarefas domiciliares, ainda encontravam espaço de atuação em áreas específicas da esfera pública, conforme aponta Dallabrida. Entre estas áreas, destacavam-se as associações sociais, religiosas e culturais, além da docência no ensino primário, que se configurava como principal campo profissional feminino à época.¹¹³

Dallabrida também ressalta que o Curso Normal, tanto público quanto privado, era frequentado majoritariamente por mulheres e representava uma importante forma de produção cultural e distinção social para as classes economicamente favorecidas. Através dessa formação, mulheres como Rita obtinham a escolarização para atuar no magistério primário, campo de grande relevância na sociedade da época.¹¹⁴

Concordando com Maristela da Rosa, podemos afirmar que Eglê é filha de pais que já desfrutavam de privilégios sociais. A continuidade de suas formações acadêmicas e intelectuais em instituições de renome era uma estratégia cultural adotada pelas famílias pertencentes às classes abastadas para assegurar sua posição no campo econômico e social.¹¹⁵

Posteriormente, no ano de 1939 a mãe de Eglê a matriculou em outro colégio, que era cristão, o Colégio Coração de Jesus. Apesar de sua mãe e seus avós não serem religiosos, a escola pedia para que a menina tivesse uma postura religiosa e assim foi feito. Ela foi convertida, batizada e tornou-se cristã.¹¹⁶ No entanto, essa devoção religiosa não perdurou por muito tempo, pois ao analisarmos apenas sua escrita sobre Cruz e Sousa, é evidente que em várias ocasiões ela estabelece uma contradição entre os princípios do cristianismo e a escravidão:

Porque é preciso não esquecer a condição de inferioridade em que se colocava o escravo, e portanto, tôda a pessoa de côr preta. Para uma sociedade que, inclusive por suas irmandades religiosas, fazia vista grossa para o fato de não poder, em sã consciência, conjugar os mais nobres princípios do cristianismo e a escravidão, para uma sociedade erguida sôbre o trabalho escravo, só resta um caminho, aviltar o cativo para diminuir o crime de escravizá-lo.¹¹⁷

O excerto acima apresenta uma crítica contundente à escravidão e seus efeitos desumanizadores sobre as pessoas pretas. A autora destaca a condição de

113 Dallabrida, 2007, sp apud Rosa, 2014, p. 45.

114 Dallabrida apud Rosa, 2014, p. 50.

115 Ibid, p. 46.

116 Zimmermann, 1996, p. 17.

117 Malheiros, 1962, p. 34.

inferioridade imposta aos escravizados, tanto física quanto psicológica, e a hipocrisia de uma sociedade que se dizia cristã enquanto mantinha um sistema tão cruel.

Esta mesma crítica feita por Eglê em 1962, possivelmente tenha sido um dos motivos que a fez desprender-se da religiosidade, pois na terceira série do ginásio, quando Eglê estava mais madura e com uma maior carga de leitura, ela passa a autoquestionar-se. Como cita Zimmermann, Eglê se perguntava “se deus era misericordioso não podia permitir as barbaridades que aconteciam no mundo”.¹¹⁸

Além disso, Eglê também inclui na escrita da peça *Vozes Veladas* alguns trechos que demonstram como os dogmas cristãos estavam associados às relações de poder da sociedade escravista:

Ponto: [...] Sabe o que é ser anticlerical na Desterro de então? Embora tivéssemos alguns padres como amigos. Sabe o que é ser anti-escravagista, defender a igualdade dos seres humanos?¹¹⁹

Ponto e Araújo (em uníssono): é tempo de zurzirmos os escravocratas no tronco do direito, a vergastadas de luz.../Sejam-te as virtudes teológicas, padre a liberdade, a igualdade e a fraternidade - maravilhosa trilogia do amor. / Unge-te nas claridões modernas e expansivas dessas três veias - artérias da verdadeira Filosofia Universal.¹²⁰

Os trechos escritos por Eglê, das falas de Ponto e Araújo expressam a voz de intelectuais que ousaram desafiar as estruturas de poder da época e defender a dignidade humana, desta forma, criticando a escravidão e a hipocrisia religiosa:

Qual o motivo de não ter se voltado para o misticismo católico. Talvez porque o ambiente que ele odiava, estava sempre a se valer da justificativa e da capa do cristianismo. Cristo, que abriu a senda da fuga mística aos escravos de Roma, desiludidos de libertação na terra após a derrota de Espártaco, não poderia servir de guia ao revoltado contra aqueles altos expoentes de um mundo cristão.¹²¹

Desde pequena, Eglê já apresentava um enorme senso de justiça. Mesmo com o seu desvencilhamento do catolicismo, Eglê continuou estudando no colégio de freiras. Ela falava muito sobre política, eleições e democracia. Ao ter que realizar um discurso sobre Getúlio Vargas, na escola, seu discurso foi censurado. Alguns dos seus textos escritos nessa época foram publicados anos depois na *Revista Sul*. Claro que essas questões não agradavam a instituição, mas como Eglê era uma “boa aluna” e bem comportada. “Uma falsa bem comportada”, ela ficava quietinha e “voava” para outros lugares não incomodando ninguém.¹²²

118 Zimmermann, 1996, p. 18.

119 Malheiros, 1995, p. 18.

120 Ibid, p. 20.

121 Malheiros, 1962, p. 43.

122 Zimmermann, 1996.

Concluído o ensino fundamental, em 1943, Eglê mudou-se para Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, indo residir com um tio, para frequentar o Colégio Americano. Este colégio era renomado pelo seu sistema educacional inovador e progressista, considerado o melhor da época.¹²³

Segundo Camargo, além de preparar os jovens para "assumir novas funções profissionais condizentes com uma sociedade aberta e competitiva", o colégio incentivava a sociabilidade, promovendo a interação com outras instituições. Por ser exclusivamente feminino, os rapazes do Instituto de Porto Alegre, uma escola da mesma organização, eram convidados para as festividades conjuntas com alunos de outras escolas.¹²⁴

Além das festas frequentes, diversas atividades, como apresentações de dança, clubes de arte, ginástica e música, proporcionavam oportunidades de interação entre as alunas do colégio. Em um de seus textos publicado na *Folha da Cultura*, ela relata como, na década de 1940, os jovens costumavam escapar das aulas monótonas e dirigiam-se ao "aconchegante parque do Colégio Americano" para debater sobre a vida e o mundo, aspirando torná-los melhor e com maior justiça para toda a humanidade.¹²⁵

Foi frequentando o Colégio Americano e morando com o seu tio comunista, que Eglê, aos seus 15 anos de idade, passou a participar ativamente da vida social e política do Brasil. Ela participou das primeiras eleições após a ditadura de Vargas, frequentando comícios organizados pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) e fazendo campanhas.¹²⁶

Eglê tornou-se educadora muito jovem. Segundo Zimmermann, devido à escassez de recursos financeiros, ela concluiu o terceiro ano no Colégio Bom Jesus, localizado em Joinville. Durante esse período, desempenhou o papel de professora contratada em uma escola local, trabalhando durante as manhãs e dedicando as tardes aos estudos. Nesta fase, ela contribuiu para a organização do comitê municipal do Partido Comunista, em 1945.¹²⁷

Portanto, entendemos que Eglê Malheiros, imersa desde cedo em um universo cultural rico, teve sua formação intelectual moldada por um ambiente

123 Ibid, p. 19.

124 Camargo, 1973, sp apud Zimmermann, 1996.

125 Ibid, p. 20.

126 Ibid, p. 21.

127 Ibid, p. 22.

familiar propício ao aprendizado e ao desenvolvimento de competências. Sua infância foi marcada pela transmissão sistemática de conhecimentos e pela imersão em debates e estímulos intelectuais, o que contribuiu para a formação de seu senso crítico aguçado e de sua busca por um conhecimento crítico e reflexivo.

4.2 DOS LIVROS PARA O MUNDO

juventude em mundo velho
limpará o mundo novo
que outros irão viver!¹²⁸

Terminado o curso colegial, voltou a Florianópolis, ainda com 18 anos, e começou a cursar direito, vindo a ser a primeira mulher a se formar na área em Santa Catarina.¹²⁹ Entretanto, fica claro em uma entrevista, que sua primeira ideia de especialização era na área da filosofia:

Eu quis ingressar. Porque não era concurso, era um convite, a pessoa fazia uma provinha. Embora o Professor [Henrique] Fontes não fosse desse tipo, mas, as pessoas que estavam ajudando a fundar a universidade eram de um catolicismo inteiramente fechado. E anticomunistas por princípio.¹³⁰

Mesmo nascida em um contexto de privilégio socioeconômico, onde a educação era valorizada e vista como um investimento, Eglê Malheiros ainda teve alguns obstáculos. A instituição, como ela mesmo nos conta, era marcada por forte influência da Igreja Católica e do anticomunismo, o que se traduzia em visões conservadoras sobre a mulher na sociedade.

Entretanto, ainda assim, Eglê Malheiros trilhou um caminho singular. Cursou o ensino secundário, prestou vestibular e ingressou na Faculdade de Direito de Florianópolis, seguindo os passos do pai. Mas, a sua paixão pela História a levou a lecionar a disciplina no Instituto de Educação Dias Velho, onde se destacou desde o início.¹³¹

Maristela Rosa, ressalta que mesmo tendo escolhido a docência, Eglê Malheiros também marcou a sua carreira com a militância política. Sua formação em instituições de elite, o hábito da leitura e a participação em ambientes politizados moldaram sua personalidade e seu intelecto, influenciando diretamente sua prática docente inovadora e engajada.¹³²

¹²⁸ Malheiros, 2018, p. 45.

¹²⁹ Valenga, 3 de jul 2023.

¹³⁰ Rosa, 2013, p. 62.

¹³¹ Ibid, p. 64.

¹³² Ibid.

Como mencionado anteriormente, Eglê estava matriculada no curso de Direito, porém tinha interesse em História. “Antes havia lecionado um pouco e me sentia como um peixe dentro d’água quando se tratava de educação.”¹³³

Assim, ela decide seguir sua carreira docente ao participar do concurso para se tornar professora no Colégio Estadual Dias Velho, que, naquela época, era a principal escola pública e gratuita da capital de Santa Catarina e também, adotava o ensino misto. Seu quadro de professores era diversificado, contando com indivíduos de diferentes perspectivas políticas, ideológicas e culturais.¹³⁴

Devido às suas atividades consideradas como subversivas, como seu envolvimento com o PCB, sua nomeação como professora foi ameaçada. No entanto, conseguiu assumir o cargo após tomar posse. Houve pressão sobre o então governador do estado, Aderbal Ramos da Silva, para nomear o segundo colocado em seu lugar. No entanto, ela mesma afirma que “ele se recusou a fazer isso, já que se eu fiquei em primeiro lugar, o cargo era meu.” (Malheiros, 2008, p. 01) Eglê também relata que um dos membros da banca que a aprovou era um padre jesuíta que, pouco tempo depois, “abandonou o sacerdócio.”¹³⁵

Desta forma, vale a pena ressaltar também, que na época em que Eglê voltou da casa de seu tio para a cidade de Florianópolis, ela continuou com suas atividades políticas. Já maior de idade em 1946, tornou-se membro efetivo do Partido Comunista.¹³⁶

Em maio de 1947, um golpe foi desferido contra o PCB. Através da cassação de seu registro, o partido foi silenciado e seus membros lançados à clandestinidade. Jornais comunistas foram fechados, comitês dissolvidos, líderes sindicais afastados por intervenções, mandatos parlamentares cassados e militantes perseguidos.

Esse cenário marcou o início de um período de enfraquecimento brutal para o PCB. A repressão imposta pelo governo brasileiro dizimou a capacidade do partido de se articular e se organizar, dificultando a comunicação entre seus membros e a disseminação de suas ideias.

Diante da brutalidade da repressão, o PCB viu-se obrigado a adaptar suas estratégias de atuação. O foco do partido se concentrou na organização de

133 Ibid.

134 Ibid, p. 65.

135 Ibid.

136 Zimmermann, 1996, p. 21.

resistência popular em diferentes frentes, como o movimento operário, o movimento camponês e o movimento estudantil.¹³⁷

Além disso, Zimmermann destaca que nesta época, como forma de organização e resistência, o PCB também passa a buscar outras atividades de massa. Exemplo disso, foram as campanhas pelo monopólio estatal do petróleo, contra o envio de soldados brasileiros para a guerra da Coreia, pela paz mundial, contra a carestia, entre outros.¹³⁸

Eglê, militante do PCB, relata a importância que o partido dava à exploração do petróleo para a soberania do país. No Centro de Estudos de Defesa do Petróleo, pessoas de diversas tendências políticas se uniam em torno da ideia central: a exploração do petróleo por uma empresa nacional era crucial para a independência do Brasil. Essa campanha contou com a colaboração de indivíduos que não se identificavam como anticomunistas.¹³⁹

Com o início da Guerra Fria e a ruptura da aliança entre Brasil e Estados Unidos, que havia se consolidado durante a Segunda Guerra Mundial, o perigo do uso da bomba atômica se tornou real. Essa ameaça motivou o PCB a se engajar em uma campanha pela paz mundial, ao lado de outros grupos sociais.¹⁴⁰

As mulheres do PCB também participavam ativamente de associações femininas, embora na época não se identificassem como feministas, segundo Zimmermann tinham princípios feministas. Estas associações, como clubes de mulheres, clubes de mães e clubes de mães pela paz, representavam espaços de organização e luta por direitos.¹⁴¹

É válido ressaltar o esforço dessas mulheres não apenas por serem militantes, mas por serem militantes que participavam de um grupo de esquerda marcadamente masculino. Quando lançamos um olhar sobre essas mulheres, percebemos que as relações sociais, também eram envoltas por uma assimetria de poder dentro do partido.

Na sua pesquisa *A Coragem Feminina da Verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil*, Margareth Rago destaca a historicização dos modos de subjetivação que Foucault identifica nas práticas históricas ocidentais. A observação

137 Segatto, 1981, p. 66, apud Zimmermann, 1996, p. 21.

138 Zimmermann, 1996, p. 21.

139 Ibid, p. 22.

140 Ibid.

141 Ibid.

da existência de diferentes modos de formação do indivíduo, tanto na interação com os códigos sociais quanto na relação consigo mesmo, permite questionar as práticas modernas de autoconstrução, revelando sua dimensão normativa, limitadora e estagnante.¹⁴²

Assim sendo, ao analisarmos a militância de Eglê no PCB, devemos considerar o contexto de poder em que ela estava inserida. As relações hierárquicas e as normas sociais certamente influenciavam suas ações e decisões, exigindo dela estratégias para se manter no partido.

As reuniões dos militantes do PCB não eram frequentes, devido às dificuldades impostas pela repressão, mas aconteciam pelo menos uma vez por mês. Essa situação se alterou durante o governo Jango, quando o partido experimentou um período de relativa legalidade.¹⁴³

Havia uma sede do partido, localizada em Florianópolis. Em 1945, muitas pessoas, com as ideias voltadas para a esquerda, se reuniam para ler jornais ou simplesmente para conversar. Foi em um desses encontros, que Eglê conheceu Salim Miguel, seu futuro marido e as pessoas que viriam, posteriormente, a formar o Grupo Sul.¹⁴⁴

Como já mencionado no subcapítulo “Quem Eram os Novos?”, o Grupo Sul, também chamado de círculo de arte moderna foi um movimento artístico formado por jovens intelectuais, escritores e artistas ligados ao teatro, ao cinema e às artes plásticas desde os anos 1940 e dentre eles, pode-se citar os nomes pioneiros a participarem do grupo: Salim Miguel, Ody Fraga e Silva, Antônio Paladino, Aníbal Nunes Pires e, claro, a própria Eglê Malheiros.¹⁴⁵ Pelas definições da própria Eglê Malheiros: “O Grupo Sul não pode ser separado da época em que apareceu”:

O Grupo Sul é justamente um movimento de pós - guerra, quando jovens se entusiasmaram com a liberdade que reaparecia em nossa terra e reaparecia em grande parte do mundo e essa vontade, assim de se dizer o que queria dizer, de pesquisar, de reencontrar o Brasil. Não foi só uma manifestação de Santa Catarina, mas aconteceu no Brasil inteirinho. Para Santa Catarina representou como uma maneira de se desfazer de velhas teias de aranha e de uma mentalidade provinciana e colonizada que vivia de olhos na Europa e não olhava o chão em que pisava.¹⁴⁶

Com o objetivo de criar um novo panorama cultural para o estado, realizavam-se reuniões e debates sobre as artes de forma independente da tendência nacional,

142 Rago, 2015, p. 110.

143 Zimmermann, 1996, p. 22.

144 Ibid.

145 Sabino, 1981, p. 10.

146 Malheiros, entrevista TV UFSC.

focando principalmente na cultura local. Inicialmente, essas discussões ficaram restritas à capital e resultaram em publicações em periódicos locais alternativos, como a *Folha da Juventude* e o *Cicuta*.¹⁴⁷

Na esteira da publicação dos artigos, o Círculo de Arte Moderna deu vida ao Teatro Experimental, com o objetivo de despertar o público do torpor e desafiar a mentalidade tradicionalista da burguesia. O sucesso das primeiras apresentações rendeu lucros que impulsionaram a criação da *Revista Sul* em janeiro de 1948.¹⁴⁸

Na edição inaugural da *Revista Sul*, sob a liderança do diretor Aníbal Nunes Pires, podemos identificar as intenções da revista conforme ele mesmo descreve. Segundo Aníbal, a revista se propunha a ser um farol, iluminando "novos valores" e acompanhando as "ideias do mundo atual" em diversas áreas do conhecimento. Seu foco principal recai sobre a filosofia, a ciência, a cultura, as letras e as artes. Além disso, em consonância com a busca por pluralidade e liberdade de expressão, a revista se posicionava de forma apartidária e laica.¹⁴⁹

Figura 4 – Grupo Sul em ensaio (1949)



Da esquerda para a direita: Aníbal Nunes Pires; Ody Fraga e Silva; Jason César de Carvalho; Eglê Malheiros; Salim Miguel; Valmor Cardoso da Silva; Armando Carreirão e Archibaldo Neves. Fonte: Zimmermann (1996).

Ademais, é importante relembrar, que esses “novos” escritores, intelectuais e artistas catarinenses, ao publicarem seus trabalhos nesses periódicos, buscavam

147 Zimmermann, 1996, p. 25.

148 Ibid, p. 2.

149 Pires, 1948, p. 1 apud Zimmermann, 1996, p. 44.

criticar os acontecimentos que se davam em território brasileiro, de forma a expressar seu descontentamento com a situação local.

Posteriormente, os escritos do grupo se popularizaram não apenas em território nacional, mas também passaram a ter certo destaque internacional.¹⁵⁰:

A Revista Sul chegou a lugares que a gente nem sonha, porque um mandou para o outro, que mandou para outro, e assim por diante. Tivemos poemas traduzidos para o espanhol, para o francês... (Malheiros, 2008. p. 13)

Em 1949, o Grupo Sul criou o *Clube de Cinema*¹⁵¹, um espaço dedicado à arte e à reflexão crítica. Através de sessões organizadas, o público era convidado a mergulhar em diferentes universos cinematográficos. Além das exposições, também ocorriam debates.¹⁵²

Segundo Zimmermann, em 1958, o Clube de Cinema do círculo de arte moderna alcançou um marco histórico ao exibir *O Preço da Ilusão*, um filme produzido em Florianópolis. O roteiro da obra foi escrito por Eglê Malheiros e Salim Miguel e representou um passo importante na consolidação da produção cinematográfica local.

Além disso, o Grupo Sul também desempenhou um papel importante na promoção de uma nova abordagem das artes plásticas em Florianópolis. Isso não se limitou apenas à atuação na *Revista Sul*, mas também incluiu a organização de exposições e palestras, além de contribuições para o estabelecimento do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949.¹⁵³

Com o tempo, a revista do Grupo Sul passou por mudanças em seu formato, aumentando o número de páginas e ampliando sua equipe de colaboradores. No trigésimo número, no ano de 1957, a publicação encerrou suas atividades. Em uma edição anterior, Eglê Malheiros havia mencionado alguns motivos para o fim da Sul. Entre eles, destacava-se a presença de uma certa rigidez acadêmica que estava se tornando evidente em suas páginas, além da falta de recursos financeiros. Preocupados em evitar que a revista se tornasse excessivamente acadêmica e diante das dificuldades financeiras, decidiram encerrar as atividades da Sul.

150 Zimmermann, 1996, p. 49.

151 O Clube de Cinema de Florianópolis recebeu apoio do Clube de Cinema de Porto Alegre, fundado em 13 de abril de 1948. Por meio da colaboração com o diretor do Clube de Porto Alegre, o Clube de Florianópolis conseguiu seus primeiros filmes para exibição. Posteriormente, eles obtinham filmes no Rio de Janeiro ou através das embaixadas de vários países. Organizaram ciclos de filmes franceses e alemães e promoviam debates e discussões durante as sessões. O projeto mais significativo do Clube de Cinema de Florianópolis foi a realização, em 1957, do filme *O Preço da Ilusão*. Zimmermann. 1996, p. 39.

152 Ibid, p. 46.

153 Ibid.

Segundo Joseane Zimmermann, inicialmente, Eglê Malheiros foi a única mulher integrante do Grupo Sul. Entretanto, posteriormente houve também a participação de outras mulheres tais como: Beatriz Bandeira, Lila Ripoll e Lília Domellas e escritoras de outros estados.¹⁵⁴

Eglê se destacou nas áreas de teatro, cinema e literatura, escrevendo contos, crítica literária e, principalmente, poemas. Muitos de seus poemas foram publicados na *Revista Sul* e posteriormente reunidos no volume intitulado *Manhã*, que fazia parte dos *Cadernos Sul*¹⁵⁵, lançado em 1952.

Como mencionado anteriormente, no campo cinematográfico, Eglê Malheiros e Salim Miguel elaboraram o roteiro do curta-metragem *O Preço da Ilusão* (1958). Além disso, Eglê desempenhou o papel de colunista na *Revista Sul*, escrevendo artigos sobre uma variedade de temas, incluindo literatura, cinema, teatro e política, sempre com uma abordagem crítica. Adicionalmente, assumiu o cargo de editora da mesma revista em 1950, desempenhando um papel fundamental na sua consolidação como um importante veículo de expressão cultural¹⁵⁶.

Segundo Zimmermann a participação efetiva das mulheres na vida cultural das sociedades ocidentais só se concretizou no século XX. Marcelle Marini afirma que isso ocorreu devido a três fatores principais: as lutas feministas desde o final do século XIX por igualdade educacional e acesso a diplomas; a ampla disseminação das obras de arte com o avanço tecnológico e o aumento do tempo livre; e o surgimento de uma classe assalariada nas novas estruturas de produção cultural, permitindo às mulheres maior autonomia e visibilidade social¹⁵⁷.

Os textos em prosa de Eglê, publicados na *Revista Sul*, são majoritariamente críticas literárias de livros escritos por mulheres, além de textos sobre Mário de Andrade, um relatório sobre o IV Congresso de Escritores de 1951, crônicas e um editorial. Eglê era fiel às suas ideias e escrevia poemas expressando suas necessidades interiores, além de escrever sobre temas do Partido Comunista.¹⁵⁸

154 Ibid, p. 57.

155 Durante o tempo em que existiu a *Revista Sul*, foram lançados dois programas editoriais que apresentaram novos autores catarinenses. Sob o título *Cadernos Sul*, foram publicados, entre outros, esse livro de poesias *Manhã* da Eglê Malheiros. Já a série *Edições Sul*, voltada especialmente para contos e romances, teve início com o volume *Velhice* e outros contos, uma coletânea de contos de Salim Miguel, em 1951. Zimmermann, 1996, p. 45.

156 Valenga, Catarinas, 2023.

157 Marini, sd, p. 35 apud Zimmermann, 1996, p. 57.

158 Ibid, p. 61.

Zimmermann aponta que no contexto literário de Florianópolis, a maioria das escritoras seguiam padrões tradicionais, exceto Maura de Senna Pereira, que inovou com poemas em prosa e defendia ideias políticas progressistas. Segundo a pesquisadora Zimmermann, as escritoras catarinenses, muitas delas professoras, escreviam com elegância e perfeição, sendo Antonieta de Barros¹⁵⁹ uma figura destacada. Entretanto, a sociedade frequentemente retratava essas mulheres de maneira condescendente e moralista, valorizando mais sua aparência e comportamento do que sua inteligência e contribuições literárias.¹⁶⁰

Naquela época, Florianópolis não tinha um movimento feminista ativo, mas havia resquícios do movimento pelo voto feminino, conquistado em 1934. As sufragistas eram bastante comentadas e, com o sufrágio, outras questões sobre as mulheres começaram a ser discutidas, como o tipo de educação que recebiam.¹⁶¹

Eglê acompanhava essas discussões e se interessava pela história das mulheres que tinham estudado e cuja educação não era mais restrita pelo sexo. A partir dos anos vinte, as mulheres tiveram acesso ao bacharelado com programas iguais, exames únicos e júris mistos, o que lhes permitiu acessar a universidade e os concursos para empregos públicos cobiçados.¹⁶²

4.3 A SUL E CRUZ E SOUZA

A terceira edição da Revista Sul foi dedicada ao poeta Cruz e Sousa. Lançada em 1948, essa publicação apresenta não apenas poemas escritos por ele, mas também análises críticas de suas obras, juntamente com questionamentos sobre as críticas recebidas pelo poeta. Essa edição indica que Eglê provavelmente já estava inserida nas conversas e debates sobre o poeta, suas obras e sua trajetória de vida desde da década de 1940, quando fazia parte do Grupo Sul.

159 Antonieta de Barros foi uma mulher negra que viveu em meio ao preconceito racial e às mulheres era reservado apenas o papel de mãe e dona de casa. A preocupação com a educação marcou toda a sua vida. Desde cedo ingressou no magistério, fazendo carreira como educadora que via no analfabetismo uma das causas do atraso e da miséria. Em 1921, logo após concluir o curso da Escola Normal Catarinense, fundou o curso Antonieta de Barros, que manteve e dirigiu até a morte em 1952. Lecionou nos colégios Coração de Jesus e Dias Velho, do qual foi diretora durante oito anos. Lecionava português e psicologia no Instituto Estadual de Educação, que também dirigiu. Além de educadora escrevia no jornal "O Estado", publicou em 1937, um livro de crônicas intitulado Farrapos de Idéias e foi eleita deputada à Assembléia Constituinte e Legislativa Estadual em 1935 pelo Partido Liberal e em 1945 pelo Partido Social Democrático. Pereira, 1995, p. 11.

160 Zimmermann, 1996, p. 63.

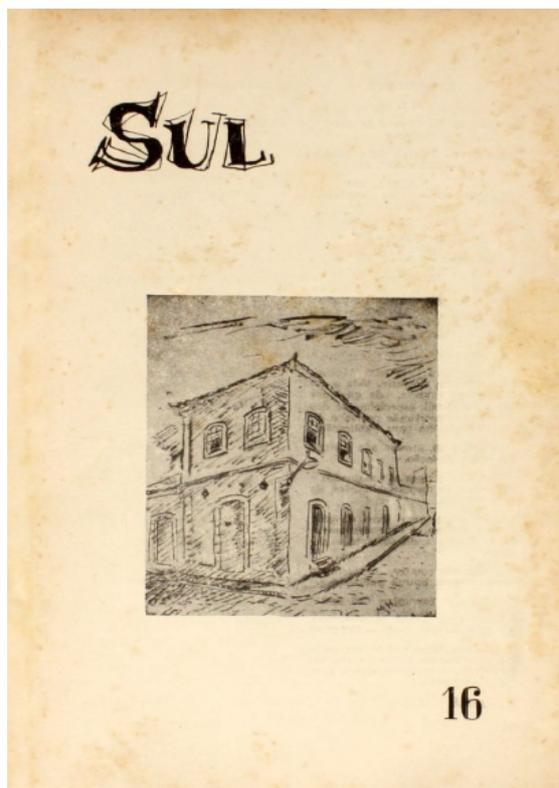
161 Ibid, p. 65.

162 Ibid.

No entanto, Eglê não aborda Cruz e Sousa nesta edição da revista. Em vez disso, ela apresenta um conto intitulado *Tiraram uma Jovem do Mar*, cuja narrativa gira em torno de uma jovem de 18 anos chamada Cumparsita. O enredo se desenrola após a descoberta de seu corpo boiando no mar, presumivelmente vítima de suicídio, e explora a vida dessa mulher na cidade

Na décima sexta edição da Revista Sul, datada de 1952, Eglê menciona Cruz e Sousa ao fazer uma breve crítica à obra *O Caminho da Liberdade* do autor americano Howard Fast. No texto, ela elogia a capacidade do autor em explicitar "como se forma um povo a nódoa do preconceito racial, e que interesses sórdidos e inconfessáveis presidem na formação desse preconceito".¹⁶³

Figura 5 – Edição da revista que Eglê faz crítica a Cruz e Sousa



Fonte: MALHEIROS, E. Caminho da Liberdade. Revista Sul, Florianópolis, Volume 16, p. 44, junho de 1952.

Desta forma, Eglê abordava a questão do racismo e o preconceito racial no Brasil.

163 Malheiros, 1952, p. 44.

Nós brasileiros, que lutamos hoje em defesa de nossa cultura temos que lutar contra a importação de mais uma faceta do *American way of life*: o racismo.¹⁶⁴

[...]

E onde se haveria de assistir a um desses quadros revoltantes? Em Florianópolis, a cidade de Cruz e Sousa, na terra do poeta que é honra e glória, não só de Santa Catarina, mas de todo o Brasil. Não sei se seria permitido ao poeta jantar no restaurante do Clube 12 de Agosto, mas sei que o poeta vive no coração de todos os que amam o belo, ao passo que os senhores do Doze por mais que se branqueiem só são conhecidos pelo triste e lamentável papel que desempenharam.¹⁶⁵

Quando Eglê escreve sobre Cruz e Sousa, sua abordagem se concentra mais em questões relacionadas ao combate ao racismo do que em uma análise direta de seus poemas. Ela frequentemente recorre aos poemas de Cruz e Sousa em suas reflexões e reconhece sua grandeza, chegando a afirmar que a escrita do poeta é um símbolo de honra e glória não apenas para Florianópolis, mas para todo o Brasil. No entanto, seu principal objetivo ao escrever sobre ele é destacar a luta contra o preconceito racial.

Conforme ela mesma menciona em sua análise, escrita uma década depois, no livro comemorativo do Centenário de Cruz e Sousa (1962). “Outros conferencistas por certo abordarão em detalhes e analisarão com agudeza o lado literário. Preferi estudar o humano. A relação de Cruz e Sousa com seu meio e sua época, a tragédia de seu existir, estão a pedir muito mais que uma conferência [...]”.¹⁶⁶

Na peça *Vozes Veladas* (1996), o diálogo estabelecido é intercalado pelos escritos do próprio Cruz e Sousa, os quais abrangem poemas, prosa poética e artigos combativos publicados no jornal *O Moleque* durante seu período como editor-chefe em 1885. Assim, podemos perceber apenas lendo o capítulo um desta pesquisa, que a biografia de Cruz e Sousa se entrelaça intrinsecamente com os desafios enfrentados pelo poeta, sempre ressaltando um tema central: o racismo.

É importante destacar que, embora Eglê Malheiros tenha a intenção de combater o racismo em seu discurso, ao afirmar que não devemos importar o racismo do *American Way of Life*, ela reflete uma percepção comum no Brasil daquela época. Essa visão, influenciada por certos ensaios de interpretação histórica do sentimento nacional, muitas vezes leva à negação do racismo brasileiro por meio de dois mecanismos: a valorização da miscigenação e o mito da

164 Malheiros, 1952, p. 45.

165 Ibid.

166 Malheiros, 1962, p. 33

democracia racial, além do contraste com os regimes raciais segregacionistas, como o dos Estados Unidos. Devemos nos atentar ao perigo de "importar" o racismo, como denunciado por Eglê, pois isso reflete um discurso amplamente difundido no Brasil na época.

Em 1888, movido por sonhos literários e pela busca por um futuro livre do racismo que assolava sua terra natal, Cruz e Sousa desembarcou no Rio de Janeiro e se deparou com a dura realidade da segregação racial.¹⁶⁷

Na capital do Império, o poeta encontrou uma sociedade marcada pela escravidão e, através de sua poesia engajada e combativa, Cruz e Sousa se tornou uma voz de destaque na luta pela abolição.

Paralelamente à sua produção poética, Cruz e Sousa se envolveu ativamente na causa abolicionista. Participou de comícios e manifestações, colaborou com jornais abolicionistas e engajou-se em debates públicos sobre a questão da escravidão.¹⁶⁸

Sua atuação política e sua produção literária engajada o colocaram na mira da elite conservadora, que o via como uma ameaça à ordem social vigente. Cruz e Sousa foi alvo de ataques e perseguições, o que o levou ao sofrimento de uma vida marcada por exclusões e falta de dinheiro.

Tanto Cruz e Sousa quanto Eglê buscavam libertação, compartilhando o mesmo anseio por liberdade em seus discursos e textos:

Dessa hora em diante a libertação do prêto passa a ser a mesma luta de libertação do povo brasileiro, prêto, branco ou mestiço, operário ou roceiro. Não há, no entanto, tal consciência em Cruz, ou ela aparece de maneira difusa. Devemos levar em conta que, na época, ainda não temos uma classe operária, e sim alguns grupos de artesãos sempre embalados pela possibilidade de passarem a patrões.¹⁶⁹

É evidente que esta libertação que buscam, se refere a igualdade social. Através dos conceitos marxistas, Eglê demonstra como a opressão racial se entrelaça com a exploração de classe, criando um sistema que marginaliza e oprime os mais vulneráveis.

Embora Cruz e Sousa não tenha desenvolvido uma análise marxista em sua obra, Eglê reconhece que a luta pela libertação dos negros, em seu contexto

167 Prandini, 2011.

168 Malheiros, 1969, p. 39.

169 É importante ressaltar que, na época de Cruz e Sousa, a classe operária ainda não era uma realidade consolidada no Brasil. No entanto, já existiam grupos de artesãos que lutavam por melhores condições de trabalho e ascensão social. Nesse contexto, a luta pela libertação dos negros se conectava com a luta desses grupos por emancipação e justiça social.

histórico, já prenunciava a luta mais ampla por uma sociedade justa e igualitária.¹⁷⁰
Com isso, ela afirma que:

Seria interessante poder estabelecer até que ponto Cruz e Sousa tomou conhecimento das lutas do proletariado europeu que, desde a Comuna de Paris, em que pese o desânimo que sua sangrenta derrota provocou em muitos, se afirmava como estrela de esperança para todos os pobres.¹⁷¹

Em consonância com sua afirmação anterior, extraída do livro do Centenário de Cruz e Souza, Eglê, em sua obra literária *Vozes Veladas*, apresenta Cruz e Sousa como alguém engajado no movimento socialista, possibilitando-lhe a expressão de suas opiniões de maneira articulada na peça teatral:

Ator C: Por isso é que estou me interessando pelo socialismo, acho que para nossa revista devíamos pedir a colaboração do Gustavo Lacerda, fazer um número dedicado a Antero de Quental, lembrando seu tempo de combate pela fraternidade entre os trabalhadores, antes que a depressão o levasse ao suicídio. Nestor, em nossa terra se aboliu a escravidão para a raça negra, mas se declarou a escravidão para todos os que vivem de seu trabalho. Com o agravante de que os de minha raça ainda são desprezados pela cor.¹⁷²

Para Eglê Malheiros, apesar da luta pela República, o cenário social pouco se alterou. Para a juventude idealista da época, a República representava não apenas um novo sistema político, mas também a promessa de uma sociedade mais justa. No entanto, o poder coube aos mesmos "republicanos do 14 de maio", latifundiários e escravocratas que antes pregavam a indenização pela abolição da escravidão. Empunhando o lema de "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", esses homens governavam, enquanto a voz dos marginalizados era silenciada.

A desilusão com a República recém criada tomou conta de figuras como Raul Pompéia, Lopes Trovão e Silva Jardim. A mudança social só viria à medida que o povo se conscientizasse da exploração que sofria e se mobilizasse para combatê-la. A mera constatação da opressão não era suficiente para a libertação. Era preciso desmascarar a "máquina infernal" que adormecia as consciências através da mídia, das instituições religiosas e de ensino.¹⁷³

Eglê ressalta que além da consciência crítica, era necessário um plano de ação. A falta de um norte foi o que condenou Cruz e Souza à frustração. A luta por uma República justa e igualitária exige mais do que ideais: exige organização, estratégia e ação coletiva. A autora, também destaca esse aspecto na obra *Vozes Veladas*:

170 Malheiros, 1962, p. 41.

171 Ibid.

172 Malheiros, 1995, p. 48.

173 Malheiros, 1968, p. 42.

Atriz Negra: Para a tristeza de gente como você. O que eu acho que está disseminado no Brasil, entranhado é o espírito de senhor de escravo. As relações de trabalho são escravistas, se você trabalha para alguém, não lhe vende somente a sua força de trabalho, ele se acha dono de seu corpo e sua alma.

Ator Araújo: Imagine na época de Cruz e Sousa, recém fora feita a abolição e proclamada a república, quando ele veio para o Rio. Muita coisa mudara na aparência, mas na essência continuava igual.¹⁷⁴

É evidente que em todas as referências de Eglê Malheiros a Cruz e Sousa, seja em suas obras, em periódicos ou na *Revista Sul*, a autora consistentemente destaca a biografia do poeta e a questão racial, visando uma sociedade mais justa. Eglê critica a persistência do racismo no Brasil, herança da escravidão, denunciando a segregação racial, a exploração de classes e a opressão dos mais vulneráveis. Para ela, a batalha pela igualdade racial e social é indissociável. Desta forma, Eglê reconhece Cruz e Sousa como um símbolo da resistência contra o racismo e consequentemente contra a exploração de classe.

174 Zimmermann, 1996, p. 117.

5 LIBERDADE EM MOVIMENTO: ENTRE LINHAS E ANSEIOS

Segundo Zimmermann, a mulher era vista como o "anjo do lar". Esse estereótipo da mulher como "anjo do lar" se consolidou a partir da segunda metade do século XIX, permeando não apenas a literatura e a arte, mas também as obras científicas. A exaltação das características femininas servia para justificar um status inferior:

Os homens destacavam a fragilidade física das mulheres, argumentando que elas precisavam ser protegidas de agressões e poupadas de esforços excessivos para seu sexo. (...) Em consequência, as elites criaram um retrato moral da mulher que valorizava a sensibilidade em detrimento da inteligência, o devotamento e a submissão em vez da ambição ou especulações intelectuais, que supostamente excederiam suas capacidades e ameaçariam sua feminilidade.¹⁷⁵

Em Florianópolis, o preconceito contra mulheres escritoras era bastante comum. As mulheres podiam escrever, mas isso era visto apenas como um "enfeite". Nunca como um projeto de vida ou profissão. Para Zimmermann, esse preconceito certamente limitou muitos talentos:

Porque um talento artístico ou literário não surge pronto, ele precisa ser nutrido pela crítica e pela troca de ideias. Se o que você faz é considerado um enfeite, é desqualificado imediatamente. Assim, muitas vozes femininas que poderiam ter se expressado foram podadas.¹⁷⁶

Além disso, Eglê afirma, em entrevista a Zimmermann, que como a escrita das mulheres era considerada um enfeite, qualquer coisa que elas escrevessem era aceita com condescendência. "Ah! Foi uma mulher que escreveu? Que engraçadinho! Que bonitinho! Publique." Assim, não se exigia a mesma dedicação ou esforço com as palavras, pois qualquer coisa era considerada boa.¹⁷⁷

Em uma outra entrevista feita por Werner Zotz em 1985, Eglê fala sobre o que a levou a se tornar uma escritora:

Não acredito em "instantes mágicos", capazes de definir uma vocação. Esta escolha de vida pressupõe uma tendência, gosto, amadurecimento, treino, mesmo que não direcionados conscientemente. [...] Por muitos anos, fui obrigada a me afastar (ou me afastaram) dos livros, numa espécie de exílio na própria terra. Em 76, voltei a escrever. Agora como uma opção. Além de precisar escrever, gostar de escrever, esta foi a forma que encontrei pra buscar também respostas pra minhas perguntas e dúvidas, procurar crescer e talvez dar minha contribuição ao crescimento de outros...¹⁷⁸

Neste trecho da entrevista, fica claro que Eglê nunca planejou se tornar escritora. Ela não limitou sua produção literária ao período de dez anos em que

175 Ibid, p. 63.

176 Ibid.

177 Malheiros, 1985, p. 103 apud Zimmermann, 1996, p. 63.

178 Zotz, 1985, p. 103.

esteve envolvida com o Grupo Sul; Eglê escreveu durante toda sua vida, pois a escrita sempre fez parte de seus anseios íntimos.

Entretanto, mesmo com uma longa trajetória como escritora, Eglê não possui um grande número de obras. “Uma grande escritora sem obra”. É como Dorval Rezende a define no episódio "*Literatura Catarinense: Salim Miguel, Eglê Malheiros e o Grupo Sul*" do Podcast *Posfácio*.¹⁷⁹

A produção literária da trajetória de Eglê inclui *Manhã* (1952), *Desça Menino* (1985), *Vozes Veladas* (1996) e *Os Meus Fantasmas* (2002). Em termos de quantidade, suas obras estão distantes das mais de três dezenas de livros de Salim Miguel.¹⁸⁰

Como mencionado anteriormente, Eglê conheceu Salim na sede municipal do Partido Comunista em Florianópolis, junto com outras pessoas que mais tarde formariam o Grupo Sul. Na mesma entrevista concedida a Zimmermann, Eglê fala que o romance entre eles começou quando os amigos, percebendo o interesse mútuo, os deixavam a sós quando iam ao cinema ou se reuniam para trocar ideias.

Durante o tempo que passavam juntos, costumavam caminhar pela cidade. Muitas dessas longas caminhadas os levavam ao "pé de São Luís", uma pedra localizada em uma praça à beira-mar no bairro conhecido como Pedra Grande. Lá, passavam horas namorando e admirando o pôr-do-sol.¹⁸¹

Em 1952, Eglê e Salim se casaram e foram morar com a mãe e o avô dela na rua Saldanha Marinho, próximo ao Instituto de Educação onde Eglê lecionava história. “Nesse tempo, casou com Salim Miguel, e quando vieram as crianças, foi deixando de lado as suas coisas.”¹⁸²

No episódio do *Posfácio*, Carol Passos comenta sobre a discrepância no número de obras escritas por Eglê em comparação a Salim, questionando por que essa diferença existe, mesmo ambos tendo estado envolvidos com a intelectualidade ao longo de suas vidas. Ela levanta a possibilidade de que Eglê tenha escrito menos obras porque talvez estivesse envolvida em outras atividades que ocupavam sua atenção, ou talvez por conta de “ser uma mulher e de tudo que isso carrega”.¹⁸³

179 Ceolla; Passos, 2023, ep. 04.

180 Zimmermann, 1996, p. 68.

181 Ibid, p. 67.

182 Ibid.

183 Passos, 2023, min 14:17.

No final de sua dissertação, Zimmermann faz os mesmos questionamentos: “O que aconteceu com Eglê Malheiros? Deixou realmente suas "coisas" de lado e dedicou-se ao marido e aos filhos? Não. Teria sido muito decepcionante se tal fato tivesse ocorrido.”¹⁸⁴

Pesquisando a sua trajetória, podemos concordar com Joseane Zimmermann, todavia é de extrema importância não romantizarmos a continuidade do trabalho intelectual da Eglê. Ela como provavelmente todas as mulheres de sua época, dedicava grande parte do seu tempo ao cuidado da casa e da família, tendo criado cinco filhos. As tarefas domésticas, frequentemente subvalorizadas e naturalizadas como responsabilidade da mulher, exigiam e ainda exigem, nos dias atuais, um enorme dispêndio de energia física e mental, reduzindo o tempo disponível para a produção literária. Desta forma, embora Eglê tenha continuado a trabalhar no meio intelectual, é importante ressaltar que ela carregava um peso maior relacionado às tarefas domésticas em comparação com Salim Miguel.

Entretanto, a quantidade de obras escritas por Eglê não se deve apenas a esse fator, pois de fato ela nunca deixou de atuar no meio intelectual. É importante ressaltar também, que ela revisava tudo o que Salim escrevia. Dorval Rezende afirma que as obras de Salim são uma literatura combinada com a Eglê.¹⁸⁵

Assim, devido ao seu papel nos "bastidores", o nome de Eglê aparece de forma menos proeminente em relação às obras produzidas. Isso se relaciona com o comentário feito na introdução deste trabalho sobre minha visita à Casa da Literatura Cruz e Sousa. Neste local, que promove publicamente as obras de escritores catarinenses, é fácil encontrar o nome de Salim Miguel, mas difícil encontrar o de Eglê Malheiros.

É crucial reconhecermos o trabalho realizado por Eglê Malheiros na literatura catarinense. A historiografia, nesse sentido, tem a responsabilidade de resgatar e dar visibilidade à sua trajetória e ao seu trabalho.

5.1 SUBVERSÕES E RESISTÊNCIA

Surgem herois das campinas,
Das fábricas e dos roçados,
Morrem homens vinte vezes,

184 Zimmermann, 1996. p. 122.

185 Rezende, 2023, ep. 4.

Mas não morre a liberdade.¹⁸⁶

Após o término do Grupo Sul em 1957, Eglê persistiu em ministrar aulas de História, como professora concursada do Instituto Estadual de Educação, onde lecionou História Geral, História do Brasil e História de Santa Catarina.¹⁸⁷

Lamentavelmente, o golpe civil-militar¹⁸⁸ de 1964 interrompeu o trabalho realizado pelos professores. Em abril desse mesmo ano, Eglê foi detida, passando uma semana no Hospital Militar e, posteriormente, cinquenta dias em prisão domiciliar. Ela afirmou em uma entrevista para a produção de seu documentário¹⁸⁹ que lecionou apenas até 1964. “É uma coisa que até hoje não perdoos militares, mas eles não estão preocupados com isso e nem eu com eles”.¹⁹⁰

Quando foi presa, Eglê encontrava-se em sua residência com seus quatro filhos pequenos, localizada no bairro Agrônômica, em Florianópolis. Em abril de 1964, poucos dias após o golpe civil-militar, seu marido, Salim Miguel já havia sido detido, antes mesmo de Eglê. Sem ter com quem deixar as crianças, uma vizinha veio ajudá-los. Para distraí-los do que estava acontecendo, ela os levou para um passeio de kombi pela ponte Hercílio Luz, situada no centro da cidade.¹⁹¹

Em uma carta escrita para Salim neste período, Eglê Malheiros desnuda seus sentimentos e revela os acontecimentos através de sua própria perspectiva:

Salim querido: Fui retirada de casa para depor no quinto distrito e, afinal já estava detida. Já tomei providências sobre as crianças. Ficarei no Hospital Militar com a companhia de uma enfermeira. De lá poderei pedir roupa e o que julga necessário. Não sei a causa da prisão, teria no Instituto de Educação desafiado o Quinto Distrito! Fica tranquilo querido, que saberei enfrentar. Só é mais difícil por causa das crianças, porque mais saudades que sinto de ti não poderei sentir. Por certo tudo será para que depois nós achemos ainda melhor nossa mútua companhia. Mantenha a calma porque ela é necessária. [...] Tua sempre, Eglê.¹⁹²

186 Malheiros, 2018. p. 45.

187 Zimmermann, 1996, p. 122.

188 A Ditadura Militar no Brasil foi um período autoritário da história brasileira que começou com o golpe militar de 1964 e durou até a promulgação da Constituição de 1988, marcando o retorno do país à democracia. Durante esse período, o Brasil foi governado por sucessivos presidentes militares e caracterizou-se pela supressão das liberdades civis, censura à imprensa, perseguição política, tortura e prisão de opositores políticos.

189 O documentário Eglê é uma produção da Margot Filmes e foi dirigido por Adriane Canan. É importante ressaltar que Eglê deu opiniões sobre o documentário, assistindo trechos durante a montagem e conversando sobre o processo com a equipe. Além disso, a equipe de produção do documentário é composta inteiramente por mulheres. Valenga, 2023.

190 Malheiros, 2023, min 38m10s.

191 Zimmermann, 1996, p. 122.

192 Carta retirada do documentário *Eglê*, na minutagem 1:00:36. *Eglê*. Adriane Canan. Chapecó: Margot Filmes, 2023. Disponível em: restrito. Acesso em: 22 de junho de 2024.

Muito jovem, ela se filiou ao PCB. Como não podiam prendê-la diretamente, acabaram prendendo Salim primeiro. Isso ocorreu porque ela era professora e muitos políticos passaram por suas aulas no Instituto de Educação. Entretanto, era ela o membro político do casal, como demonstrado anteriormente. Ela foi filiada ao partido desde seus tempos de estudante normalista, um costume que já vinha de sua família.¹⁹³

O livro *Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia* foi publicado por Salim Miguel em 1994, trinta anos após o golpe, talvez o tempo necessário para processar o ocorrido. A obra, que é quase um diário, oferece a perspectiva dele sobre seus dias de prisão.¹⁹⁴ Eglê não deixou uma autobiografia sobre esse período, mas é possível encontrar um documento escrito por ela em 1998, no qual se fala a respeito:

Tentei fazer este relato o mais objetivo possível. É claro que tudo o que aconteceu marcou e deixou sequelas em nossas crianças e em nós mesmos, mas é bom a gente saber que agiu corretamente e que não precisa pedir perdão, como um dia me pediu um signatário do documento que provocou a minha prisão. Infelizmente, o que eu disse na aula em que estava ministrando em abril de 1964 e interrompi a chamado do Diretor, realmente veio a acontecer e tempos de chumbo cobriram nosso País. A reconquista do Estado de Direito foi uma luta árdua e demorada, e muitos dos que o tornaram possível ficaram pelo caminho. Cabe a nós, os que temos consciência, lutar para dar-lhe raízes profundas, aperfeiçoá-lo cada vez mais, empenhando esforços para que todos os brasileiros ajam, sintam-se e sejam tratados como cidadãos. Para que isso se torne realidade, mais do que nunca precisamos de liberdade e democracia. E de escola pública e gratuita de qualidade, do primário à pós-graduação.¹⁹⁵

Em um de seus estudos, Margareth Rago analisa várias narrativas de “feministas históricas” baseadas em livros e entrevistas orais “que rememoram experiências traumáticas de ruptura, combate e rebeldia na afirmação de outras possibilidades de vida”.¹⁹⁶

Para Rago, é importante observar o silêncio em torno da produção autobiográfica feminina, uma área relativamente recente, já que a teoria da autobiografia tradicionalmente se focava apenas em homens, como Agostinho, Montaigne, Rousseau e Barthes.¹⁹⁷ Gradualmente, novas reflexões surgem sobre a subversão desse gênero literário quando abordado pelas mulheres, que ao narrar suas histórias, borram as fronteiras entre ficção e realidade, intimidade e política, o

193 Rezende, 2023, ep. 04.

194 Ceolla; Passos, 2023, ep. 04.

195 Malheiros, 1998.

196 Rago, 2015, p. 105.

197 Smith, 1998 apud Rago, 2015, p. 105.

eu e o mundo. Elas são especialistas na arte de questionar os mecanismos sutis de sujeição.¹⁹⁸

Com os movimentos feministas, as mulheres começaram a desconstruir os discursos que controlavam suas vidas, buscando criar novas cartografias existenciais. Distantes de relatos confessionais, essas narrativas pessoais não visam revelar o que se oculta na consciência culpada nem exaltam heroicamente o indivíduo, como frequentemente ocorre nas autobiografias masculinas. Em vez disso, elas questionam a força e os modos da linguagem que tradicionalmente têm o homem branco como referência e norma.¹⁹⁹

Ao lermos Rago e refletirmos sobre Eglê, percebemos como os relatos da militante diferem das autobiografias tradicionais, geralmente escritas por homens. Embora Eglê não tenha escrito uma autobiografia sobre esse período, é importante destacar que ela defendeu a democracia por mais de noventa anos. Margareth Rago nos ajuda a entender Eglê através de seus relatos, não apenas durante a ditadura, mas ao longo de sua trajetória de vida. Eglê sempre questionou os discursos de poder e contribuiu para a construção de "outras possibilidades de vida"

Em seu texto, Rago traz relatos de mulheres na ditadura militar e sobre esses relatos nota-se pontos em comum com Eglê, que valem-se ser destacados, pois se entrelaçam com o que já foi discutido nesta pesquisa. Margareth Rago enfatiza a ideia de ruptura, algo que é evidente na trajetória de Eglê: a ruptura, o movimento de força, a coragem feminina da verdade.

A autora demonstra que essas mulheres rompem com o isolamento feminino na vivência da dor e afirmam os direitos das mulheres. Elas destacam a importância do testemunho, denunciando as violências sofridas, seja pelo terrorismo do Estado, pelo autoritarismo do partido político, pela igreja ou pelos preconceitos sociais.²⁰⁰

Além disso, a trajetória de vida de cada uma dessas mulheres mencionadas por Margareth, bem como a de Eglê, embora únicas, convergem em pelo menos duas direções: na luta para romper o isolamento do discurso feminino da dor e para se inscrever no contexto comum das questões sociais e políticas, marcadas pela violência de gênero. Durante a ditadura militar, elas se envolveram nos movimentos políticos de resistência no país.²⁰¹

198 Rago, 2015, p. 105.

199 Ibid.

200 Ibid, p. 106.

201 Ibid, p. 115.

Portanto, reexaminar o passado transforma-se em um ato de resistência, essencial para garantir o direito à memória, especialmente sobre episódios trágicos de nossa história que o Estado frequentemente tenta apagar. Concordando com Margareth Rago, é impossível não admirar a imensa coragem dessas mulheres que, ao expressarem suas próprias verdades, enfrentaram grandes riscos, incluindo a perda de suas próprias vidas e das vidas de seus filhos. Essas mulheres demonstram um profundo cuidado, não só com outras mulheres, mas também com homens, evidenciando um compromisso em construir uma vida sem opressões.²⁰²

Em decorrência da ditadura militar, no ano de 1965, Eglê mudou-se para a capital do Rio de Janeiro, onde dedicou-se à tradução de obras literárias e técnicas de diferentes idiomas, como inglês, francês, alemão, italiano e espanhol.²⁰³ O seu interesse pela tradução se inicia já nos bancos escolares: “Eu me interessava em fazer uma “versão” que correspondesse em português ao texto original. Muitas vezes os professores não aceitavam como corretas minhas traduções de poemas, que eu não fazia ao pé da letra”, afirmou Eglê ²⁰⁴, em uma entrevista concedida a Guerini e Weininger.

Além disso, ela também conta que só veio a traduzir profissionalmente no Rio de Janeiro, como uma forma de ajudar no orçamento doméstico:

Antes tentei redigir romancinhos vendidos em banca, não fui aceita, nunca conseguia ser primária o suficiente. Procurei sempre fazer o melhor trabalho possível; ao lado de tradução literária fiz sempre outras técnicas, que em geral pagavam melhor, embora não dessem o mesmo prazer.²⁰⁵

Zimmermann afirma que é também na cidade do Rio de Janeiro, que Eglê passa a integrar a equipe editorial da revista *Ficção* (1976-1979)²⁰⁶, juntamente com Salim Miguel, Laura Sandroni, Cícero Sandroni e Fausto Cunha.

Na revista, ela desempenhava várias funções, como a seleção de contos, traduções e redação de alguns editoriais. Eglê compartilhava a responsabilidade com Laura Sandroni, que, segundo ela, gerenciava com competência a correspondência da revista. A seu encargo, cabia dialogar com os autores, explicando as razões pelas quais seus contos não foram aprovados e sugerindo

202 Ibid, p. 120.

203 Zimmermann, 1996, p. 115.

204 Guerini; Weininger, 2003, p. 175.

205 Ibid, p. 178.

206 Durante quase quatro anos, de janeiro de 1976 a setembro de 1979, publicou mais de 400 autores nacionais em seus 45 números, a maioria inéditos, alcançando uma tiragem média mensal de 15 mil exemplares, distribuídos em bancas e livrarias. A proposta básica da revista era de privilegiar autores nacionais, conhecidos e inéditos, mesclando-os a autores estrangeiros, clássicos e contemporâneos.(Ruffato, Luiz, 2009).

leituras. Eglê também fazia parte da comissão permanente de contos da revista *Ficção*. Além disso, contribuiu com resenhas literárias para o jornal *O Globo*.²⁰⁷

Zimmermann discorre que a escritora, também exerceu a função de diretora-secretária na Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil e, posteriormente, atuou como assessora da mesma quando se preparava para retornar a Florianópolis.²⁰⁸

Na entrevista concedida para Werner Zotz em 1985, Eglê explica o porquê escolheu escrever para um público juvenil:

Sempre escrevi pra ele. Basta ver que até hoje só publiquei um único livro dito "adulto", o romance *Semeadura*. Gosto do que faço e pela reação dos leitores, parece que eles também gostam. Talvez não seja o caso de se explicar as coisas que se ama, mas de vivê-las intensamente.²⁰⁹

Eglê, também realizou o mestrado em Comunicação na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo sua dissertação focada no trabalho do filme *Fogo Morto*, cujo diretor chama-se Marcos Farias. Além disso, colaborou como co-roteirista, junto a Salim Miguel e Marcos Farias, nos filmes *A Cartomante* (1974) e o próprio filme *Fogo Morto* (1976).²¹⁰

Segundo Zimmermann, após a anistia de Eglê em 1979, a família retornou a Florianópolis. Eglê, também retomou seu trabalho como professora por mais dois anos antes de se aposentar.²¹¹

Em 1986, ela se candidatou a deputada constituinte.²¹² Posteriormente, realizou trabalhos inéditos e esparsos em órgãos de imprensa, que começou a organizar para publicação, dessa forma, ela produziu as obras literárias: *Desça, menino* (1985), *Vozes veladas* (1996) e *Os meus fantasmas* (2002), além de ter contribuído com inúmeras publicações em coletâneas e obras coletiva.²¹³

207 Zimmermann, 1996, p. 123.

208 É uma organização sem fins lucrativos, em fase de renovação de sua utilidade pública federal e estadual, que atua prioritariamente na promoção da leitura, do livro e da literatura infantil e juvenil. Essa Fundação tem um papel crucial na promoção do hábito de leitura e na aprimoração, tanto do ponto de vista textual quanto gráfico, dos livros destinados ao público infantojuvenil.

209 Zotz, 1985, p. 104.

210 Zimmermann, 1996, p. 122.

211 Ibid.

212 Eglê Malheiros fez campanha para uma constituinte democrática, soberana e livre, conseguindo alcançar 286 votos. Entretanto, não conseguiu atingir a quantidade de votos necessários para se eleger.

213 Zimmermann, 1996, p. 123.

Figura 6 – Campanha política da Eglê Malheiros.



Fonte: Instagram que busca preservar a memória de Eglê.²¹⁴

Segundo Zimmermann, Eglê também assinou uma coluna no *Diário Catarinense*. Mesmo após a aposentadoria, ela continuou engajada na vida cultural, social e política de Santa Catarina, mantendo-se coerente em sua luta por uma sociedade justa e igualitária.

214 Retirado de: https://www.instagram.com/p/Cd_yCvxLNtq. Acesso em 26 jun 2026.

Ao analisar notícias assinadas por Eglê, encontramos algumas matérias onde ela aborda temas relacionados a Cruz e Sousa. Em 1995, na *Folha da Cultura*, Eglê escreveu uma matéria intitulada *As Artes de Nossa Terra*, onde discute a história e a diversidade cultural de Florianópolis, destacando o grande potencial artístico da cidade.

Figura 7 – Jornal assinado por Eglê.



Fonte: MALHEIROS, E. As Artes de nossa Terra. Folha Cultura, Jornal da Fundação Franklin Cascaes, n.9, março de 1995.

Ela critica a visão romantizada da cultura açoriana, que tende a ignorar as lutas e sofrimentos do passado, e propõe a valorização da arte como uma ferramenta de autoconhecimento, questionamento e afirmação da identidade local. Eglê destaca Cruz e Sousa como um exemplo de artista nascido na ilha, afirmando

que "Só Cruz e Sousa já seria o bastante"²¹⁵ para demonstrar o imenso potencial artístico de Florianópolis.

Em uma matéria para o *Estado* de 1980, com o título *Atualidade de Cruz e Sousa*, Eglê Malheiros discorre sobre a obra e a trajetória do poeta, criticando a visão distorcida que por muito tempo o classificou como um poeta de "evasão," ignorando as lutas e sofrimentos que permearam sua vida numa sociedade racista.

Eglê destaca que Cruz e Sousa produziu uma obra poética de grande valor, marcada por temas como a morte, a dor e a busca por transcendência. Ela também reconhece o papel fundamental de amigos e admiradores, como Nestor Vítor e Andrade Muricy, na preservação e divulgação da obra do poeta.

Além disso, a escritora defende a necessidade de aprofundar os estudos sobre Cruz, reconhecendo sua importância como poeta e símbolo da resistência contra o racismo estrutural. Ela convida estudiosos, especialmente em Santa Catarina, a contribuir para uma análise crítica e aprofundada de sua obra e herança histórico-cultural.

Em 2003, o jornal *Diário Catarinense* publicou um trecho do livro *Vozes Veladas*. Nesse trecho, é destacado como Cruz e Sousa lutou contra a opressão através da arte. O trecho também critica o racismo e ressalta a importância da educação e da cultura.

Dessa forma, entendemos que Eglê Malheiros escreve essas matérias sobre Cruz e Sousa porque acredita e reforça por vários e distintos anos que a trajetória e as obras do poeta são fundamentais na luta contra o preconceito racial e na construção de uma sociedade mais justa.

Em 2010, por questões de saúde, Eglê mudou-se para Brasília com seu marido, Salim Miguel. Após 64 anos de casamento, Salim faleceu em 2016. Atualmente, Eglê reside em Brasília com sua filha, Sônia Malheiros, e recebe o apoio e carinho de seus outros filhos: Antônio Carlos Miguel, Veet Vivarta, Luis Felipe Miguel e Paulo Sérgio Miguel.²¹⁶

215 Malheiros, 1995, sem paginação.

216 Valenga, 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na mitologia grega, as Hespérides, cujo nome deriva da palavra grega "hespera" que significa "tarde" ou "ocidente", eram as ninfas encarregadas de zelar por um jardim mágico situado no extremo oeste do mundo, onde o sol se despedia do dia e mergulhava na noite. Elas eram frequentemente retratadas como personificações do crepúsculo, representando a serenidade e a quietude da hora em que a luz do dia se desvanece e a escuridão se aproxima.²¹⁷

Embora a quantidade exata de Hespérides varie de acordo com diferentes fontes, a maioria dos autores concorda que eram três: Eglê, Ercia e Hesperatetusa. Seus nomes, cheios de significado, refletiam seus atributos e a natureza do crepúsculo.²¹⁸

Eglê, a "brilhante", representava a luz suave do sol poente. É assim que vejo Eglê Malheiros: como um brilho, uma luz que revela não estarmos totalmente imersos na escuridão. É a esperança de um futuro melhor. Atualmente, parece mais difícil encontrar alguém que acredite num mundo mais justo e igualitário, ou que realmente pense que pode fazer a diferença. O comunismo é utópico.

A esperança de Eglê me atrai, pois ela acreditava que, junto com a juventude, poderia transformar o mundo em um lugar melhor. Essa esperança não se restringiu apenas à sua juventude, mas permeia toda a sua vida. Eglê viveu em diversos contextos sociais e políticos, testemunhou a chegada e a perda da democracia, e mesmo nos piores tempos, nunca perdeu o brilho, nem mesmo nesses últimos anos difíceis.

Zimmermann aponta que Eglê não é:

Nem anjo nem pecadora. Ao mesmo tempo em que foi militante comunista e escrevia poemas que eram publicados na Sul, Eglê aceitava certos padrões de comportamento atribuídos às mulheres. Por exemplo, não freqüentava bares. Casou, teve filhos, deixou de escrever com a mesma frequência, mas continuou trabalhando. Assim, não se pode enquadrá-la definitivamente nos parâmetros do ideal feminino.²¹⁹

Não concordo com o termo utilizado por Zimmermann, "nem anjo nem pecadora", pois carrega conotações de culpa ou de imaculação cristã. No entanto, reconheço a importância e a relevância de seu comentário. Conforme evidenciado ao longo desta pesquisa, Eglê Malheiros foi uma mulher de vanguarda, feminista

217 Zimmermann, 1996, p. 1.

218 Ibid.

219 Ibid, p. 124.

desde a infância, antes mesmo de compreender plenamente o significado do feminismo.

A força necessária para as movimentações que Eglê fez em sua vida permitiu-lhe romper com os padrões sociais impostos às mulheres no século XX. É compreensível que Eglê tenha aceitado alguns desses padrões, pois ninguém é completamente virtuoso ou totalmente vil. Eglê foi uma mulher de coragem, que seguiu seus desejos.

Ao acompanhar a trajetória de vida de Eglê Malheiros, deparamo-nos com Cruz e Sousa em diversos momentos. Seu acervo, detalhado nesta pesquisa, contém muitas obras sobre Cruz e Sousa, incluindo críticas, poesias e biografias. Eglê também guardou recortes de jornais, somando mais de duzentas páginas, que discutiam a figura de Cruz e Sousa. Além disso, é comum encontrar seu nome associado ao de Cruz e Sousa nas notícias sobre ela.

É nítido que a intelectual se encantou com a poesia e a história de vida de Cruz e Sousa, talvez porque, ao olhar para ele, visse a mesma esperança que vejo nela. Embora Cruz e Sousa e Eglê Malheiros tenham vivido em épocas, contextos sociais e políticos totalmente diferentes, ambos compartilhavam as mesmas ambições de justiça e foram símbolos de resistência:

Quanto mais o lemos, maior a interrogação. Como explicar o milagre? Como foi possível que, de um meio acanhado como Desterro, de um Brasil atrasado e tacanho, tenha brotado essa voz que não se cala, antes fala cada vez mais alto aos pósteros? Como conseguiu ela, superando tudo o que tentou sufocá-la, fazer coro na poesia universal, pois a crítica considera Cruz e Sousa um dos três grandes do Simbolismo, ao lado de Mallarmé e Stephen George. Quem explica o milagre da criação artística? O milagre da força de caráter? O milagre da grandeza espiritual? (...) “Qual é a cor da minha forma, do meu sentir?”²²⁰

Segundo Eglê, é essencial que as novas gerações entrem em contato com as obras de Cruz e Sousa. Ela afirma que as palavras do poeta tocam profundamente, pois ele, como verdadeiro artista, aprimorou sua linguagem ao longo do tempo, tornando-a cada vez mais expressiva. Inicialmente, sua poesia era uma torrente de palavras que se atropelavam, nos versos de aprendizado, mas em sua maturidade, ele alcançou uma forma mais contida e econômica, que por isso expressa muito mais.²²¹

Eglê enfatiza que ler um grande poeta implica em procurar entender seu sentido profundo e deixar que sua sensibilidade influencie a nossa, resultando em

²²⁰ Malheiros, 1998, p. 21.

²²¹ Ibid, p. 24.

uma transformação interior. Homenagear Cruz e Sousa é lê-lo intensamente, pois isso significa rejeitar uma sociedade excludente e preconceituosa e impedir que outros vivam o drama do poeta. Ao lê-lo, enriquecemos nossa sensibilidade, humanidade e consciência social.²²²

Eglê e Cruz e Souza compartilhavam um compromisso com a justiça social e a luta contra a opressão. Não somente a poesia de Cruz e Sousa, mas também a sua própria trajetória de vida denunciavam as desigualdades, inspirando Eglê em sua própria atuação como ativista e intelectual. Ambos acreditavam no poder da escrita para promover mudanças sociais e defender direitos. É imprescindível reconhecer e reiterar a importância da leitura de Eglê Malheiros e Cruz e Sousa. A relevância de suas obras deve ser continuamente celebrada e valorizada.

222 Ibid, p. 26.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- ALENCASTRO, F. **Moderno Onde? Moderno Quando? A Semana de 22 como motivação**. São Paulo: MAM, 2021.
- AMARAL, A.; BARROS, T. **Moderno Onde? Moderno Quando? A Semana de 22 como motivação**. São Paulo: MAM, 2021.
- BELLUZZO, M. **Moderno Onde? Moderno Quando? A Semana de 22 como motivação**. São Paulo: MAM, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Itinerário de un concepto. s/l: Montessor, 2002.
- CASTRO, R. **Moderno Onde? Moderno Quando? A Semana de 22 como motivação**. São Paulo: MAM, 2021.
- ANTUNES, E.; GOMES, C. Eglê Malheiros, Salim Miguel e o Intercâmbio entre as duas Margens do Atlântico. N. 4. **Revista Crioula**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2008.
- ASEFF, Marlon. Vozes Veladas ganha palco e sai do prelo. **A Notícia**. Santa Catarina. Anexo. 28 de novembro de 1995.
- CARDOSO, Rafael. **Modernidade em Preto e Branco: Arte e Imagem, Raça e Identidade no Brasil, 1890-1945**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CHALHOUB, Sidney. Precariedade Estrutural: O problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX).. **História Social** - CNPq e FAPESP, São Paulo, v.19, 2010.
- COSTA, C. Entrevista com Eglê Malheiros. Entrevistas e Traduções – UFSC. p. 176-181.
- EGLÊ. Adriane Canan. Chapecó: Margot Filmes, 2023. Disponível em: restrito. Acesso em: 22 de junho de 2024.
- EL FAR, Alessandra. **A Presença dos Ausentes: A tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários**. Volume 14. Revista estudos históricos. 2000.
- Estreia. A Notícia. Santa Catarina. Variedades. 02 de agosto de 1995.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995. p. 359.
- FOSSARI, Carmen. Cruz e Sousa. Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBa5QgPINuU&t=339s>. Acesso em: 21 de junho de 2024.

GOMES, C.; HANSEN, S. **Intelectuais Mediadores: Práticas Culturais e Ações Políticas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

GUERINI, A.; WEININGER, M. Entrevista com Eglê Malheiros. Volume 2. **Cadernos de Tradução** - UFSC, 2003.

MALHEIROS, Eglê. **'Manhã' e outros Poemas**. Florianópolis: Editora Cadernos Sul, 1952.

MALHEIROS, Eglê. **Tiraram uma Jovem do Mar**. Revista Sul, Florianópolis, Volume 3, abril de 1948, p. 8.

NOVA, Flávia da. **O protesto do poeta**. Diário Catarinense. Florianópolis. Variedades. 30 de novembro de 1998.

PEDRO, M.; SOIHET, R. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. Volume 27. Revista Brasileira de História - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PEDRO, M. **Relações de Gênero como Categoria Transversal na Historiografia Contemporânea**. Volume 12. Revista Topoi - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, Valdézia. **A Poesia Modernista Catarinense das Décadas de 40 e 50**. Florianópolis: UFSC, 1998.

POSFÁCIO PODCAST. 4. Literatura Catarinense: Salim Miguel, Eglê Malheiros e o Grupo Sul. Entrevistado: Dorval Rezende. Entrevistador: Carol Passos e Stefani Ceolla. Florianópolis: Posfácio Hub de Jornalismo em Áudio. Podcast. Disponível em: <https://spotify.link/a1OjUjBb3Db>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

PRANDINI, P. **Cruz e Sousa**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

RAGO, M. A Coragem Feminina da Verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. **Caderno Espaço Feminino** . Uberlândia, v.28, 2015, p.?.

ROSA, Maristela da. **Rompendo Normas: trajetória social e prática docente de Eglê Malheiros no Colégio Estadual Dias Velho (Florianópolis, 1947/64)**. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2013. 160 p.

SACHET, Celestino. **A Literatura Catarinense**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VALENGA, D. **História da Eglê Malheiros, pioneira do Cinema em SC, é contada em Documentário**. Catarinas, 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/historia-de-egle-malheiros-pioneira-do-cinema-em-sc-e-contada-em-documentario/>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

VIEIRA, Isadora. Encontros com o Presente: Situando o acervo pessoal de Eglê Malheiros Miguel. III Seminário Internacional História do Tempo Presente - UDESC, Florianópolis, 2017.

ZIMMERMANN, Joseane. **Ao Sul os Desejos**: A cidade transfigurada na poesia de Eglê Malheiros. Dissertação Mestrado em História - UFSC, Florianópolis, 1996.

ZIMMERMANN, J. **Eglê Malheiros e o Círculo de Arte Moderna**. Histórias Em Contextos Globais - UFSC, Florianópolis, 1996, p. 43-52.

ZOTZ, W. **Ler os Livros e Crescer com eles**. 1985. Perspectiva; r. CED - UFSC, Florianópolis, 1985, p. 103-108.

FONTES PRIMÁRIAS:

MALHEIROS, E. **As Artes de nossa Terra**. Folha Cultura, Jornal da Fundação Franklin Cascaes, n.9, março de 1995.

MALHEIROS, E. **Atualidade de Cruz e Sousa**. O Estado, Florianópolis, p.16, março de 1980.

MALHEIROS, E. **Caminho da Liberdade**. Revista Sul, Florianópolis, Volume 16, p. 44, junho de 1952.

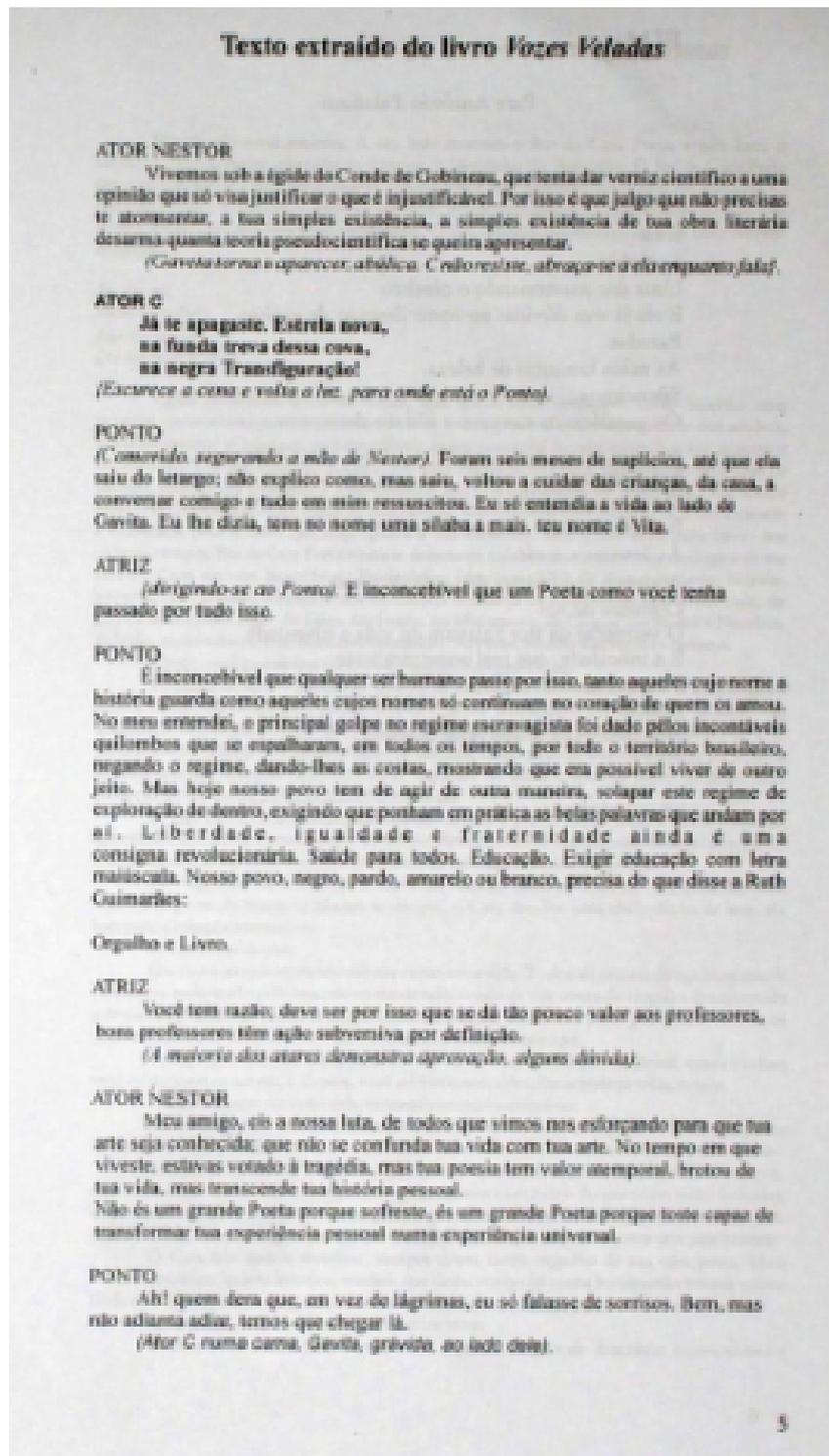
MALHEIROS, E. **Cruz e Sousa**: Poemas. Seleção, Introdução e Notas Eglê Malheiros. Florianópolis: Comissão Estadual do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, 1998.

MALHEIROS, E. **Texto Extraído do livro Vozes Veladas**. Diário Catarinense, Florianópolis, Variedades. março de 2003.

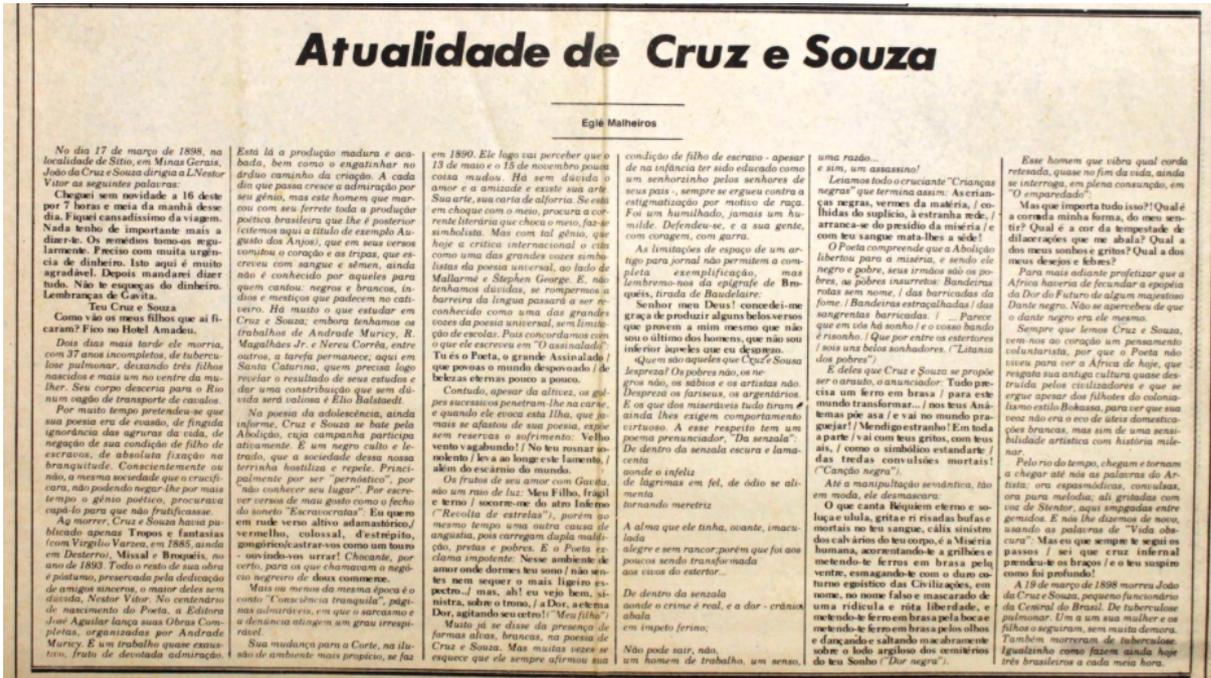
MALHEIROS, Eglê. **Centenário de Cruz e Sousa**: Interpretações. Florianópolis: Comissão Oficial de Festejos, 1962.

MALHEIROS, Eglê. **Vozes Veladas**. Porto Alegre: Movimento, 1995.

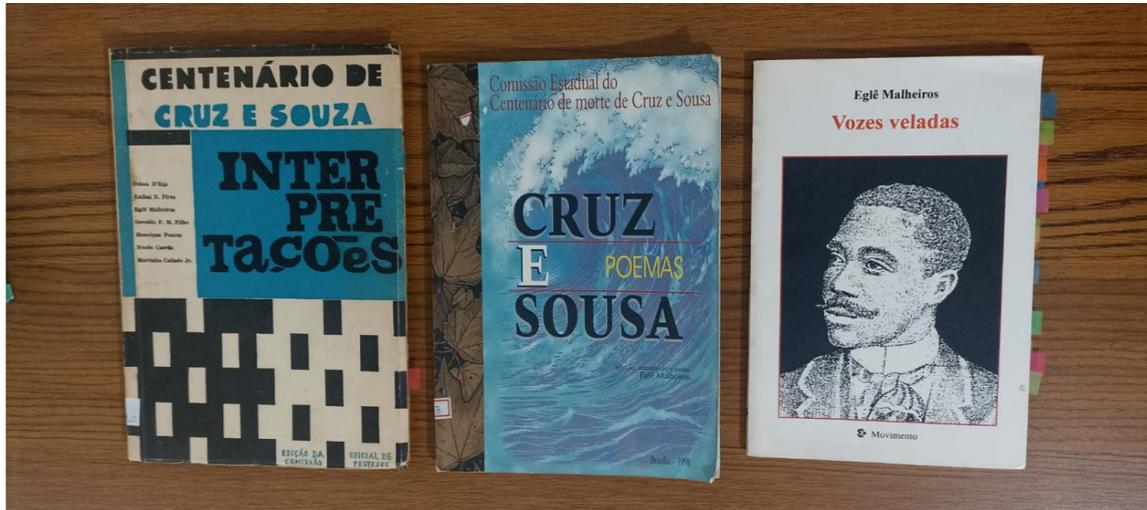
Apêndice I – Fotografias de algumas das fontes utilizadas.



MALHEIROS, E. Texto Extraído do livro Vozes Veladas. Diário Catarinense, Florianópolis, Variedades. março de 2003.



MALHEIROS, E. Atualidade de Cruz e Sousa. O Estado, Florianópolis, p.16, março de 1980. Jornal assinado por Eglê.



Livros utilizados na pesquisa.